

GRUPANÁLISE ONLINE.pt

Ano III | N.º 3 | Dec. 2005

3

Editorial

João Azevedo e Silva

Preconceito, Liberdade e Psicoterapia Analítica de Grupo Infantil

Beatriz Silverio Fernandes

Preconceito e Grupanálise - o Verso, o Diverso e o Adverso nos Grupos

Waldemar José Fernandes

O Desenvolvimento da Intimidade no Casal

Maria Manuela Porto

As Pontes

Liliana Cardoso

Da Psicoterapia Individual até à Grupanálise

Ângela Ribeiro

A Experiência/Vivência Grupanalítica

Lúcia da Costa Soares / José Luís Gomes

Secção de Neuropsicanálise

Anosognosia: um Estudo de Caso em um Paciente com Lesão Cerebral Direita Apresentada sob a Perspectiva da Neuropsicanálise

Madeleine Scop Medeiros

Director

João Azevedo e Silva

Comissão Redactorial

Ana Sofia Nava

Claudio Moraes Sarmiento

Isabel Ribeiro da Costa

João Carlos Melo

Conselho Editorial

Antonieta Ferreira de Almeida

César Dinis

Isaura Manso Neto

Luís Barbosa

Sara Ferro

*Correspondentes Internacionais do**Conselho Editorial*

Beatriz Fernandes

Ivan Urlich

Kristian Valbak

Waldemar Fernandes

Werner Knauss

*Correspondentes Internacionais da**Secção de Neuro-psicanálise*

Madeleine Scop Medeiros

Rómulo Viero

Comissão de Referees

Ângela Ribeiro (Portugal)

Aucíndio Valente (Portugal)

Beatriz Silvério (Brasil)

Carlos Góis (Portugal)

Eugénio Cruz Filipe (Portugal)

Graça Galamba (Portugal)

Guilherme Ferreira (Portugal)

João Carlos Melo (Portugal)

João França de Sousa (Portugal)

José Abreu Afonso (Portugal)

Luc Michel (Suíça)

Luís Barbosa (Portugal)

Maria Van Noort (Holanda)

Robi Friedman (Israel)

Rudolf Balmer (Suíça)

Waldemar Fernandes (Brasil)

Índice

Editorial 3

João Azevedo e Silva

Preconceito, Liberdade e Psicoterapia Analítica de Grupo Infantil 4

Beatriz Silverio Fernandes

Preconceito e Grupanalise - o Verso, o Diverso e o Adverso nos Grupos 9

Waldemar José Fernandes

O Desenvolvimento da Intimidade no Casal 14

Maria Manuela Porto

As Pontes 18

Liliana Cardoso

Da Psicoterapia Individual até à Grupanalise 21

Angela Ribeiro

A Experiência/Vivência Grupanalítica 25

*Lúcia da Costa Soares / José Luis Gomes**Secção de Neuropsicanálise*

Anosognosia: um Estudo de Caso em um Paciente com Lesão Cerebral Direita

Apresentada sob a Perspectiva da Neuropsicanálise 31

Madeleine Scop Medeiros

Normas de publicação

A revista **Grupanálise online.pt** aspira a ser uma revista nova e dinâmica. Não pretendemos que seja uma cópia em Internet do conceito clássico de uma revista em papel. Desejamos, sim, que se torne um fórum mais alargado a autores nacionais e internacionais e a temas novos e recentes, como a neuropsicanálise, para além da grupanálise e das psicoterapias de grupo de inspiração analítica.

Deste modo a revista necessita da colaboração de todos nós. Só assim poderemos manter viva e em constante evolução esta técnica terapêutica tão importante que é a grupanálise. Neste sentido, estimulamos os nossos leitores e colegas, a que enviem os seus trabalhos, de modo a que possam ser apreciados e seleccionados para a nossa revista. São bem vindos os trabalhos teóricos, de investigação e de experiência clínica. Trabalhos relacionados com as terapêuticas de grupo de orientação analítica, nomeadamente a grupanálise, e todos os trabalhos que possam trazer novas contribuições científicas e técnicas para a grupanálise.

Os trabalhos serão avaliados por dois *referees*, destacados aleatoriamente de um conjunto alargado de *referees* que colaboram com a nossa revista, que por sua vez não saberão quem são os autores dos trabalhos que estão a apreciar.

Os artigos deverão ser enviados por correio electrónico em documento Word for Windows, a espaço e meio, letra 12, tipo de letra: times new roman. Deverão ser acompanhados por uma breve nota bibliográfica, um resumo preliminar, até cinco palavras chave e uma contagem de palavras. Os artigos deverão ser escritos em inglês ou português e não devem exceder 5000 palavras (incluindo as referências bibliográficas).

Os artigos aceites para publicação não poderão ser publicados noutras revistas, sem autorização prévia da **Grupanálise online.pt** e implicando sempre a referência expressa a tal autorização.

As referências bibliográficas deverão ser feitas do seguinte modo:

Artigos em revistas: Dinis, C (2000) “Desejo e Perda na Contratransferência”. *Revista Portuguesa de Grupanálise*.1: 51-58.

Livros: Foulkes, S.H. (1975) *Group-Analytic Psychotherapy: Method and Principles*. London. Gordon and Breach.

Trabalhos não publicados: Azevedo e Silva, J. (1997) “Criatividade e Grupanálise, Bion, Zimerman e Eu”. IV Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo. Comunicação apresentada no III Congresso Nacional de Grupanálise: Construindo Elos. Lisboa.

As referências que não são citadas serão apagadas, na maioria dos casos.

Os artigos deverão ser enviados para o seguinte endereço electrónico: **ronline@grupanalise.pt**

Editorial

A existência da Revista On-line da Sociedade Portuguesa de Grupanalise encontra-se excelentemente justificada não só nos dois Editoriais que César Dinis ofereceu como na sua própria maneira de ter existido: Informando e recebendo informação com uma enorme e ampla abertura.

Face a essa riqueza pouco mais haverá para dizer embora haja muito para acrescentar pois esse é o segredo da Evolução e do Progresso.

E para justificar a publicação deste terceiro numero – se tal fosse necessário e atendendo que ele vem na continuidade dos anteriores – ocorreu-me, não sei se numa atitude de excesso ou de defeito, o impulso de glosar o nosso grande épico Luís de Camões quando ele escreve assim:

*As armas e os Barões assinalados
Que de Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana
Em perigos e guerras esforçadas
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram*

Glosa:

Dos feitos dos nossos associados, desta modesta Sociedade Portuguesa de Grupanalise, partindo de tão pequena praia Lusitana, entre gentes remotas edificaram – e edificam – uma visão firme do conceito de grupanalise que tanto sublimaram, conquistando o direito de darem aos mundos das psicoterapias analíticas o seu próprio mundo. Destes factos Ela espalhará por toda a parte se para tanto seus participantes tiverem engenho e arte.

Participantes que todos eles poderão ser assinalados pois a abertura para tal existe.

E desde já assinalarei os seus mais directos editores de hoje: Ana Sofia Nava, Cláudio Moraes Sarmento, João Carlos Melo e Isabel Costa.

Lisboa, Dezembro de 2005

João Azevedo e Silva
Presidente da Sociedade Portuguesa de Grupanalise

Beatriz Silverio Fernandes

Psicóloga clínica, membro fundador e docente do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares e SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo.

Preconceito, Liberdade e Psicoterapia Analítica de Grupo Infantil

Comunicação apresentada no VIII Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa 2005

Resumo

Diariamente nos deparamos em nosso trabalho, direta ou indiretamente, com o preconceito. Sempre que iniciamos as entrevistas ouvimos uma série de reclamações, desabafos e afirmativas francamente preconceituosas por parte dos pais, o mesmo ocorrendo quando iniciamos o trabalho grupal com as crianças.

Partindo destas escutas, refletindo sobre alguns anos de trabalho profissional e agora, com a oportunidade de diálogo aberto pelo Congresso de Grupanálise, inicio uma reflexão sobre o tema partindo de um fragmento de sessão.

Serão apresentados diversos significados da palavra preconceito, tanto no sentido de idéia preconcebida, como no sentido de idéia prejudgada.

Que influências sofrem os familiares e os infantes? Como puderam ser trabalhados nos grupos e como a grupoterapeuta conseguiu ajudá-los a obter crescimento mental e vencer algumas barreiras?

Essas são algumas questões que serão abordadas neste trabalho.

Palavras Chave: crianças; psicoterapia analítica; grupo; preconceito.

Introdução

“A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”, dizia o poeta Vinicius de Moraes. Assim, entendo os encontros luso-brasileiros: o imenso Atlântico nos separando, as diferentes moedas nos pressionando, mas um enorme desejo, carinho e respeito correndo ao nosso encontro.

O tema desse atual encontro “Preconceito e Grupanálise” tem várias interpretações, sob vários vértices e dentro de muitas situações, selecionei o ângulo que ainda muito me atrai - a psicoterapia de grupo com crianças.

A princípio observando e prendendo-me a sessões levantei a questão: “como vou escrever sobre o preconceito? Onde ele está e como irei abordá-lo”? Percebi que já naquele momento eu mesmo estava revestida e aprisionada por ele.

A sessão é um mistério à espera de ser revelado, é um jogo a ser jogado, uma luta a ser enfrentada. Por outro lado, é a beleza à procura do elogio e a música a ser executada. O acontecer de cada sessão nos dá oportunidade de transformação, de crescimento. Mas, se eu estiver sob o domínio do preconceito permaneceré, eu terapeuta, como dantes descrevi: “o que irei escrever... como poderei ver o preconceito nas sessões infantis”?

Libertar-me é preciso e crescer é inerente ao processo. Assim, tomei como regra minha observação e minha reflexão.

Definindo Preconceito

1. O substantivo preconceito tem como significado uma opinião ou conceito formado antecipadamente com precipitação, destituído de uma análise mais séria ou conhecimento de determinado assunto, sem considerar os argumentos contrários e favoráveis, sem a devida discussão sobre os múltiplos aspectos que incidem sobre os fatos, e sem a necessária reflexão.

2. Pode ser definido sobre o viés da psicologia, no entanto, os processos sociais possuem um peso especial, se o indivíduo não se relacionar com a cultura sadicamente.

3. Concebido como uma opinião que não é justificada, tanto com relação a um grupo como um indivíduo, favorável ou desfavorável e que leva a atuar de acordo com esta definição.

4. Socialmente uma das causas do preconceito é o fato de que percebemos o mundo através de grades de nossa cultura - que pode ser entendida como um conjunto de símbolos, compartilhado pelos integrantes de determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações.

5. Dentro da teoria psicanalítica, é algo que colabora para o não desenvolvimento psíquico, algo que ajuda a permanecer no domínio do instinto de morte, que não proporciona integração, ligado às relações parciais de objeto.

Toda cultura é dinâmica, as pessoas interagem com o mundo em que vivem, criando e alterando símbolos. Também a cultura está ligada à história particular de cada grupo, portanto não existe uma cultura “atrasada”, “primitiva”, “avançada”. As culturas estão em permanente transformação, buscando novas idéias sobre novas realidades que se apresentam e sempre continuarão diferentes umas das outras.

Tendemos a valorizar positivamente o nosso próprio grupo, utilizamos o preconceito que foge de toda crítica em favor de uma supervalorização de uma opinião não fundamentada cientificamente. Há uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos demais.

O preconceito também está ligado à ausência do conhecimento, e leva em conta a teimosia, sua aliada inseparável. Seu oposto, aprender, refletir requer esforço, abdicção do velho pelo novo, requer ousar.

O espaço Grupal é um meio bastante adequado para se pensar o tema. Como já visto em trabalho anterior “uma experiência importante é o indivíduo ser compreendido e aceito por um terapeuta; outra experiência, consideravelmente mais poderosa, é a criança ser compreendida e aceita por companheiros de grupo, que também estão compartilhando seus sentimentos em uma busca, em conjunto, de um jeito de viver com maior satisfação” (FERNANDES, 2003).

Fragmento de Grupo

Vejam o seguinte fragmento de uma sessão de grupo infantil, que era composto neste dia por 2 meninas e 1 menino, com 5 e 6 anos respectivamente, que se encontram semanalmente.

Lucas – Doutora, eu vi um anão domingo. Ele tinha 33 anos, como minha mãe, e era do meu tamanho, só que mais gordo.

Psicoterapeuta – É Lucas, e que tal foi essa aventura?

Lucas – Doutora, minha tia me disse que se eu não comer vou ficar anão. Ela é professora.

Gi – Xí, Lucas... Eu vi na TV que tem anão no mundo porque eles têm problemas de “onomios”.

Jú – Bom, eu não sei, mas minha avó disse que é castigo.

Lucas – Castigo? Por quê? Doutora será que ele foi desobediente?

Jú – Eu acho que minha avó acha que sim.

Psicoterapeuta – Fiquei com algumas dúvidas sobre anão. Gi, o que é problemas de “onomios” que você viu?

Gi – Tia, eu não sei né!...Mas, é o que faz a gente crescer. Eu menti para minha mãe. Disse que ia dormir e fiquei embaixo do sofá e assisti o “Fantástico”. Mas, não entendi nada direito.

Psicoterapeuta – Outra coisa, o que é desobedecer?

Lucas – A Gi assistir a TV sem a mãe dela deixar.

Jú – Tia, eu obedeco minha avó porque tenho medo de apanhar.

Gi – Credo gente! Que bobagem! Sabe tia, eu joguei o dinheiro do meu pai pela janela.

Jú – Nossa Gi!

Lucas – Você é louca. Louco é que joga dinheiro pela janela.

Gi – Vocês são burros sabiam? O meu pai me disse que não tinha dinheiro, não podia comprar nada, nem para eu ir ao passeio da escola. Se ele não tem dinheiro, o que era aquilo então? Lixo. Peguei da carteira dele e joguei fora, ele não disse que não tinha? Então não tem diferença! (ri... E faz gesto de dúvida).

Jú – Gi, você tem que conversar com minha avó.

Gi – Ela é mais chata. Você precisa conversar com ela, não é tia?

Lucas – Você não pode falar assim com a Julia, não é doutora?

Gi – Tia, porque ele te chama de doutora?

Psicoterapeuta – Vamos tentar ver como são estas diferenças. Lucas vai contar para nós o que eu sou para ele, assim como Gi e Jú, pois só assim saberemos o que vocês entendem, e só assim ficará mais fácil entender a todos.

Lucas – Doutora - porque foi a minha doutora (pediatra) que cuida de mim que pedi para minha mãe me trazer aqui.

Gi – I,... e por quê?

Psicoterapeuta – Pera aí! O que combinamos?

Gi – Tá tia, Tá bom! Ver o que cada um acha. Tia, é como a tia da escola (professora de jardim da infância).

JÚ – Eu não sei, mas acho que é porque você é legal! Aqui é legal, eu gosto (me abraça com um braço e com o outro alcança Lucas).

Psicoterapeuta – Bem, parece que nenhum de vocês me vê separada de outra pessoa. Tem sempre uma outra pessoa junto, que foi quem ajudou vocês a estarem aqui, é assim?

Lucas – É... Eu não tinha pensado nisso, mas (faz gesto afirmativo com a cabeça e parece estar pensando).

Gi – Tia, porque não pode ser tia? E acabou, e vamos brincar né...

Jú – Gi, você é maluquinha mesmo! Já esqueceu? E Eu? Eu acho aqui legal porque a gente pode falar o que quer e não tem bronca nem castigo. A tia gosta da gente, maluquinha ou não maluquinha.

Discutindo o Preconceito Através do Grupo

Observando o desenrolar de uma sessão de grupo infantil podemos perceber alguns componentes preconceituosos permeando o imaginário infantil.

Apesar de sabermos que a personalidade infantil vive em constante crescimento neste momento de vida, de transformações e desenvolvimento, sabemos, no entanto, que é neste período em que ocorrem as mudanças ou as estratificações.

A criança quando embebida de aspectos frustradores tem uma dor, isto é, depois de um desprazer não consegue livrar-se desse incomodo, e não encontra outra saída para o sofrimento. Não consegue enfrentar a dor através de mecanismos típicos da posição depressiva (KLEIN, apud ZIMERMAN, 1994) que vai fazer com que encontrem meios de transformar a fonte de frustração em formas de desenvolvimento ou crescimento mental, não estão podendo neste estágio enfrentar o que Bion denomina de “dor mental”. Ficam restritas, de tal modo que se obrigam a olhar e entendem o mundo apenas de seu solitário universo.

O grupo colabora se assim seus componentes quiserem, para abrir lentamente uma cortina com a ponta de seus dedos e começar a olhar sorrateiramente para além do peitoral da janela e observar mais de perto a realidade. Dessa maneira a criança poderá crescer, evoluir e sentir-se cada dia mais dono de um conhecimento real de si e do outro.

Tal como diz Fernandes “a partir do relacionamento com a mãe e o pai, as pessoas introjetam modelos de vínculos – as matrizes vinculares: o bebê introjeta as estruturas vinculares a partir do mundo externo, começando pelos pais, e passa a conservá-los como padrão” (FERNANDES, 2003).

Zimerman nos diz, referindo às contribuições de Bion.

“A estruturação de qualquer indivíduo, necessariamente, requer a sua participação em diferentes grupos, onde ele sempre sofre a influência dos outros, ao mesmo tempo em que ele também é um agente ativo de transformação” (ZIMERMAN, 1999).

Dentro do setting grupal poderão dialogar intra, inter e transsubjetivamente, e com isto, contribuir para seu desenvolvimento emocional. Sem o desenvolvimento emocional dificilmente conseguirão libertar-se das amarras do pré-conhecimento, não adquirido, mas emprestado e não elaborado. O mundo do mal (impulso de morte) acaba às vezes prevalecendo e impedindo a mente de transformar-se.

Abrindo brecha para a vida (instinto de vida), observa-se que a alegria de viver e crescer aumenta. A repressão cede seu lugar para a criatividade, e, conseqüentemente, para o desenvolvimento.

Sob o domínio do preconceito percebemos que as crianças ficam cegas para a vida. São perseguidas por seus fantasmas que aterrorizam noite e dia; vendo apenas o que o seu medo permite, imaginando que nisso se resume à realidade.

O preconceito é revestido de punição, de um aprisionamento conceitual, invejoso e recheado de ódio; que é projetado em alguém ou em uma determinada situação.

Muitas vezes, aprisionados que estamos, deixamos a pressa, o imediatismo nos vencer e fracassamos no sentido de abraçarmos algo historicamente, e com isto desviamos nossos objetivos. Deixamos de colocar água na semente plantada e a condenamos à seca.

É um modo cômodo de lidar com dificuldades e com o desconhecido. É um meio de não se responsabilizar, “não é minha propriedade”, “não é minha criação”. Ex.: Menino desobediente é malvado. Menina que não obedece é castigada. Menina que não come quando a mãe manda é teimosa.

Ora, onde está a razão destas frases? Levanto a questão: por que obedecer sempre é ser bom? Não observamos nossos clientes nos grupos, levantando questões acerca de atitudes, e, com isto, construindo sua própria subjetividade? Colocando em discussão os pontos favoráveis e desfavoráveis do tema?

Considerações Finais

Creio que aí encontramos a chave que vai permitir a abertura de um refletir saudável, da ponderação, da dialética, portanto do aprender. Anular seu EU em favor de uma opinião imposta ou adotada por comodismo, ou por influência do ódio leva-nos a um estancamento emocional.

É preciso deixar surgir dentro de nós espaço, tanto para mim como para o outro, não causar danos, não nos encher de culpa e parar de fazer o que anula nossa livre escolha. É preciso apenas realizar o que está dentro de nossa capacidade de fazer ou aceitar, caso contrário o preconceito vencerá. Ele estará sempre presente, mas a sua proporção de domínio é que estamos questionando.

Percebemos neste fragmento que muitos conceitos empregados, que assumimos, não são de nossa autoria ou simples concordância, foram na verdade legados, transmitidos e muitas vezes sem justificativa plausível que os sustente como legítimos ou verdadeiros.

Neste sentido, Gi é o modelo, embora exacerbado, de questionar, duvidar, desconfiar de fórmulas prontas. Não somente com o intuito de encontrar respostas prontas, mas minimamente para reconhecer verdades de mentiras, que povoam nosso dia-a-dia. Ou até para obedecer, caso seja uma opção, mas de livre escolha.

Deparei-me também com uma situação muito nova. Gi nunca tinha agido anteriormente como nesta sessão. É verdade que sempre reluta antes de concordar com uma decisão grupal em que não prevalece sua vontade. Duvida, questiona, mas consegue ponderar e acata a decisão. Diante de uma citação inusitada, optei apenas por continuar a conversar sobre o verso e o reverso do que era falado, pois percebi que Gi ajudava Lucas e Jú a se libertarem e estes conseguiam mostrar certo limite a Gi, não a deixando de lado. Olharam-na com medo e esclareceram no final que tinha “um jeito esquisito de resolver coisas, que dava medo neles, assim como o anão”.

Percebi também que eu mesmo enquanto terapeuta necessitei abrir-me, sair das amarras técnicas, repensar neste momento qual o caminho a percorrer com estas crianças, perceber a sensibilidade deles e, calmamente, “participar da construção de uma interpretação, por meio de alguns recursos que despertassem funções do ego da criança ainda em formação”.

Janine Puget (2005) traz em recente trabalho a possibilidade de que seja de ordem inconsciente o fato de que somos subjetivados com valores, modelos de vida, de pensar, de crer, de vestir, de sentir. “Agrega-se também a convicção de que “esse modo”, o nosso, é o apropriado e não deverá ser questionado”, o que pode colaborar para permaneceremos estagnados no crescimento.

É preciso estar preparado para o novo, para aquilo que ainda se desconhece. É necessário manter uma abertura, se despojar de idéias prévias, que em nada favorecem o crescimento, embora possam ser necessárias como primeiro momento, mas atar-se a elas não propicia desenvolvimento.

Parece à primeira vista d’olhos que o preconceito está sempre no outro. Esquecemos de nós, e ver o quanto carregamos dele é doloroso.

Creio que, sem citar ou transcrever muitos autores, encontro neste fragmento muitos conceitos de Klein e Bion que estão presentes em nosso trabalho cotidiano. Apresentados de forma singela pelas crianças do grupo, ajudaram-me assim a refletir e compartilhar o tema desse congresso.

Referências Bibliográficas

- FERNANDES, B.S. (2003) *Psicoterapia de Grupo com Crianças*. In FERNANDES, W.J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B.S. *Grupos e Configurações Vinculares*. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 231; 242.
- PUGET, J. *Qué y como podemos pensar, en tanto psicoanalistas, acerca de lo que se llama terrorismo y terroristas*. Trabalho apresentado no 44º. Congresso Internacional de Psicanálise. Rio de Janeiro: 2005.
- ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos Psicanalíticos*. Porto Alegre: 1999, Artmed, p. 439.
- ZIMERMAN, D. E. *Manual de Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 454.

Waldemar José Fernandes

Médico psiquiatra e grupanalista.
Membro titular e docente do
NESME e da SPAGESP;
Membro fundador da ABRAP –
Associação Brasileira de
Psicoterapia; ex-presidente da
ABPG - Associação Brasileira de
Psicoterapia de Grupo (antiga
ABPAG) e de sua congênere
Latino-Americana – FLAPAG.

Preconceito e Grupanálise - o Verso, o Diverso e o Adverso nos Grupos

Comunicação apresentada no VIII Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa 2005

Resumo

A partir das palavras Verso, Diverso e Adverso o autor discorre sobre o preconceito em grupanalise, fazendo um percurso e uma reflexão.

É utilizado referencial de Laplanche, que diferencia os termos diferença e diversidade. Para ele a diferença implica uma polaridade, sempre se delineando entre dois termos. Já a diversidade pode existir também entre um número maior de elementos, estabelecendo-se com relação a isso uma passagem, da diferença absoluta à diversidade.

A evolução no processo psicanalítico e a aprendizagem estão diretamente relacionadas à capacidade de lidar com o novo, com o diferente. O novo incomoda, assusta, agride. A diversidade é mais flexível, e abraça as diferenças, sem excluí-las como contrárias a nós. Na diferença, incluída na diversidade, não se interpõem hierarquias, produtoras de desigualdade e de atrito.

Pensando com ajuda das idéias de Melanie Klein (posições) e Bion (reversão da perspectiva; dor mental), o autor fará considerações sobre a vivência preconceituosa do adverso, quando na verdade se depara com o diverso, a essência do trabalho grupal.

Finalmente, será realizada uma reflexão sobre o trabalho grupanalítico, comparando com o funcionamento do giroscópio que direciona os navios em sua rota.

Palavras-chave: Verso; Diverso; Adverso; Preconceito em grupanalise; Caos.

Introdução

O tema central deste evento que congrega profissionais luso-brasileiros – “Preconceito e Grupanálise” - pode ser examinado a partir de muitos vértices. Já no folheto de divulgação do VII Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e VIII Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise de Psicoterapia Analítica de Grupo pode-se ler:

Preconceito - “um conceito sem fundamento razoável, opinião formada sem ponderação (suficiente)”, acrescentando-se que se pode dizer que os neuróticos “sofrem de preconceitos”, ou seja, de pensamentos, condutas e sentimentos a que faltam fundamento racional aceitável para uma lógica formal realisticamente válida, uma vez que aqueles têm principalmente origem em conflitos, equívocos existentes entre as três instâncias (id, ego e superego) definidas no aparelho psíquico freudiano. Sendo assim, as formas da teoria psicanalítica, neste caso de grupo, aplicadas às terapêuticas psicológicas, visam ajudar a esclarecer preconceitos e equívocos intrapsíquicos, sobretudo quando eles se exprimem por modos psicopatologicamente neuróticos (2005).

Pretendo discorrer na exposição do tema – “O verso, o diverso e o adverso nos grupos”, questões que envolvem os preconceitos, originados no espaço intrapsíquico, mas também no campo interpessoal e transobjetivo, conforme a compreensão psicanalítica vincular.

Farei um percurso, com pausas, em que passarei a refletir sobre cada uma dessas expressões, mostrando, não só a visão de alguns autores, mas a minha forma de compreender o trabalho com grupos, fazendo uso, para tanto, de uma analogia com o Giroscópio. O início deste percurso ocorrerá a partir do marco “O Verso”.

O Verso

Há diferentes sentidos dessa palavra, mas enfatizarei cinco, conforme MICHAELIS (1999): sm (lat versu) 1 - Palavra ou reunião de palavras, sujeitas a certa medida e cadência, seguindo regras fixas, convencionalmente adotadas; 2 - Página oposta à da frente; 3 - Face inferior das folhas dos vegetais. 10 - Lado posterior de qualquer objeto - face oposta à da frente. 12 - prep. O mesmo que contra.

Pretendo usar ainda a expressão verso no sentido mais livre, de palavra ou reunião de palavras, mesmo sem rima ou cadência, tal como na comunicação em prosa diária.

Versar significa, entre outras coisas, “considerar, tratar, ponderar”, mas pode significar “pôr em prática, experimentar”. Em psicanálise sabemos que, na verdade, as palavras podem significar qualquer coisa, dependendo de quem as pronuncia, e poderíamos até dizer que nada significam, pois o significado está na pessoa, como enfatiza David K. Berlo: “É mais exato dizer que as palavras não significam absolutamente. Apenas as pessoas significam, e as pessoas não querem dizer o mesmo com todas as palavras” (BERLO, 1985, p.173).

O indivíduo versado em algo é aquele que pôde aprender com a experiência, e se especializou numa arte. Nesse sentido, poderíamos dizer que todos nós, de certa forma, somos versados na labuta grupanalítica.

Verso pode ainda significar “o outro lado”, “o contrário”, e até “o errado”. Todos esses sentidos teriam de ser pesquisados em nosso trabalho com os grupos.

Vou seguir mais um pouco, até o marco “Diverso”, e estudar esse palpitante tema.

Diverso

Nos dicionários, dentro do sentido algo estático que dão às palavras, tem os significados: adj (lat diversu) 1 - Diferente; 2 - Que oferece vários aspectos; 3 - Distinto; 4 - Discordante; 5 - Alterado, mudado, outro. adj pl Alguns, muitos, vários.

Laplanche em sua análise da sexualidade faz uma reflexão sobre os termos diferença e diversidade. Para ele a diferença implica uma polaridade, sempre se delineando entre dois termos. Já a diversidade pode existir também entre um número maior de elementos. “Estabelece-se com relação a isso uma passagem, da diferença absoluta à diversidade, na qual os termos diferenciados não definem uma unidade configurada a partir da complementaridade” (ROJAS, 2005, p.95).

A diversidade remete ao múltiplo, à variedade que não se deixa englobar em um padrão. Tampouco se define o diverso a partir de um eixo único, destacando a diferença como própria de uma só condição. A diversidade é mais flexível, e abriga as diferenças, sem excluí-las como contrárias a nós. Na diferença, incluída na diversidade, não se interpõem hierarquias, produtoras de desigualdade e de atrito.

Neste momento, darei um salto para o adverso, fazendo, posteriormente uma reflexão a respeito.

Adverso

Adj (lat adversu) 1 - Contrário, desfavorável, inimigo, oposto; 2 - Desgraçado, infeliz, infortunado; 3 - Que traz desgraça, infelicidade, infortúnio. sm Adversário, antagonista.

Antôn: favorável, auspicioso.

Vê-se que é uma palavra com grande carga emocional negativa, desfavorável, referente a algo que traz infelicidade, sendo que seu antônimo, sim, é que mostra expectativas favoráveis.

À luz do que expus até o momento, lembrando que não vejo sentido pleno nas palavras, mas sim nas pessoas que as proferem, posso dizer que o sentido de adverso poderia, hipoteticamente, ser dado quando as expectativas não se mostrarem de acordo com meus desejos.

A evolução humana e a aprendizagem estão diretamente relacionadas à capacidade de lidar com o novo, com o diverso. Entretanto, o novo incomoda, assusta, agride.

Isso é muito comum nos casais, em que, em vez de cada envolvido pensar quanto é responsável pela parte da comunicação que está sendo valorizada negativamente, por ser diversa da esperada, verificando o que está acontecen-

do e como poderia tentar melhorar as coisas, é mais fácil acusar o outro, mesmo que isso só alimente um processo violento de acusações e conseqüente desgaste no relacionamento.

Diferenças culturais e raciais podem ser interpretadas da mesma forma, dando a certas populações excluídas, a conotação de inimigas, que devem ser evitadas, devido a suas diversidades, vivenciadas como adversas.

Nesse ponto do percurso vê-se que fui parar no preconceito, marco que costuma estar sobreposto ao da diversidade. Vou examiná-lo mais de perto.

Preconceito

Sm (pre+conceito) 1 - Conceito ou opinião formada antes de ter os conhecimentos adequados; 2 - Opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão; 3 - Superstição que obriga a certos atos ou impede que eles se pratiquem; 4 - Social Atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos.

Voltando às considerações encontradas no folheto do congresso, vê-se que “os neuróticos sofrem de preconceitos, ou seja, de pensamentos, condutas e sentimentos a que faltam fundamento racional aceitável para uma lógica formal realisticamente válida”.

Penso, entretanto, que esta é a sina humana, entender o mundo segundo sua versão particular e ter uma vivência preconceituosa do diverso, como algo que parece adverso, chegando a alguns casos, em que há certo exagero na qualidade e quantidade de transformações e mal-entendidos, que podem se configurar em verdadeira reversão da perspectiva, termo utilizado por Bion (1963).

O processo de integração e de pensar os pensamentos, envolve um tipo de visão binocular, isto é, uma visão que integra diferentes perspectivas como a imagem total, formada pelos dois olhos.

Os problemas de comunicação e de percepção devem ser entendidos prioritariamente em termos de mecanismos inconscientes, mas Bion também se interessou pela percepção consciente, principalmente pelos diferentes vértices de observação que se utilize.

No caso da psicanálise vincular, é importante que os vértices mútuos entre analista e analisados mantenham uma distância adequada, isto é, que não sejam tão distantes que impeçam a correlação entre os vértices, mas tampouco próximos demais, que impeçam a diferenciação, podendo acarretar alguma estagnação na investigação do objeto psicanalítico. “É somente através de uma distância adequada que será propiciada a possibilidade de ambos fazerem correlações e confrontações entre os recíprocos vértices, assim atingindo ao que Bion chama de *visão binocular*” (ZIMERMAN, 1995).

Já no predomínio da parte psicótica da personalidade ocorre a **reversão da perspectiva**, que torna estática uma situação dinâmica, impedindo o desenvolvimento psíquico e distorcendo a comunicação. Dessa forma, “o psicótico vê a interpretação em função de sua hipótese e rejeita sorrateiramente a do analista” (BLÉANDONU, 1990).

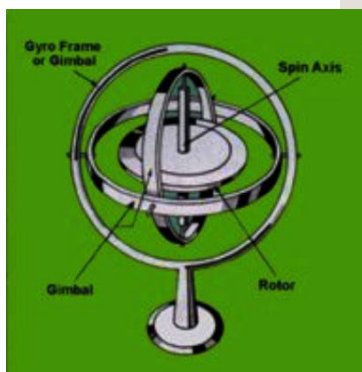
Se puder suportar a dor mental e aceitar a existência da idéia nova o indivíduo pode ir encontrando seu caminho, caminho este que percorre o verso, o diverso e o adverso, o conhecimento de si mesmo e de seus preconceitos, sendo que tal percurso pode ser facilitado com a participação em um grupo de grupanálise ou em um dispositivo vincular psicanalítico.

Entretanto, tal processo não é tão simples e envolve frustrações, inerentes ao crescimento, e, até que o rumo se vislumbre, certa confusão e sensação de estar perdido podem ocorrer, tal como nos longos percursos marítimos, em que, por mais que se conte com aparelhos até sofisticados para ajudar na orientação, há momentos em que se está perdido.

Reflexões

O giroscópio

Esta figura não é um simples objeto decorativo – trata-se de um giroscópio, e foi utilizada no I Congresso Brasileiro de Psicoterapia. Duas massas de latão que giram sobre um centro comum podem se comportar como um pêndulo inerte. Têm uma tendência a conservar o movimento inicial e também sua direção, mas haverão de



Origem: Wikipédia,
a enciclopédia livre
(pt.wikipedia.org/wiki/Giroscópio).

compartir com a outra esfera, sujeita a forças e inércias distintas. A junta cardan sobre a qual estão montadas as esferas lhes permite girar ao redor de um eixo que pode apontar para qualquer ponto do espaço.

O giroscópio foi inventado em 1850 por Jean Bernard Léon Foucault (1819 - 1868), que o utilizou para mostrar que a Terra de fato gira sobre seu próprio eixo. Trata-se de um instrumento livre para girar em qualquer direção.

É um dispositivo usado para orientação de navios, aviões e espaçonaves, seu funcionamento baseia-se no princípio da inércia. Nesse aparelho, todo ele é um acúmulo de forças e inércias, mescla de metais, grafismo sem um significado concreto, e um funcionamento imprevisível, até que indique a direção correta. Como diz o colega Osvaldo Filidoro (2005), não tão imprevisível, “só um pouco de caos, sob controle, durante 10 segundos”.

Faço então uma analogia com o trabalho grupanalítico, pois nele há momentos de caos e momentos de se encontrar o caminho.

O conhecimento psicanalítico tradicional valoriza as palavras, sem dúvida, e ainda são valorizadas. Entretanto, hoje são valorizadas juntamente com a metacomunicação, isto é, o tom de voz em que as palavras foram proferidas, o olhar, os gestos e demais aspectos da comunicação não verbal, que conferem um toque afetivo à comunicação, dando à experiência emocional do falar, o sentido mais verdadeiro de como o indivíduo se vincula com seus grupos internos, com o mundo exterior, e, principalmente, com aquele determinado interlocutor, naquele momento.

É através da comunicação que podemos estudar as vinculações, e apreender o colorido de amor, ódio, busca de conhecimento, gratidão, reconhecimento, inveja, ciúmes etc., que caracterizam cada vínculo.

Na comunicação grupal, tanto quanto no dia-a-dia, é muito comum se ouvir algo diverso do que se espera, com a imediata reação de má-vontade em reconhecer a possível qualidade do outro e de sua comunicação. Nesse caso, a desqualificação é freqüente, havendo um mal-entendido que poderia ser explicado assim: se diverge de minha expectativa, então está contra mim, como fica fácil de compreender dentro da teoria kleiniana da posição esquizoparanóide (KLEIN, M. 1946, p.20).

Os modelos unificados excluem as diferenças, ao considerá-las exceções, ruído ou erros de conceituação. Na vida atual, mais complexa, de acordo com novas lógicas, a exceção não confirma a regra, ela pode constituir, sim, outra configuração.

A vigência de um pensamento da diversidade nos permite ir mais além da diferença entre dois termos: a diversidade pode existir entre dois ou n termos, ao mesmo tempo, já que um termo diverso não se define pela negação do outro, muito embora nossa tendência seja não ver com bons olhos o que diverge de nossa expectativa.

Quando eu, como grupanalista, vou armazenando informações e conteúdo da experiência emocional com os clientes do grupo, em certo momento já estou com uma quantidade de informações e de energia, que eventualmente tomam um destino adequado.

No momento certo, pode ocorrer que uma palavra, uma imagem, algo assim, dê sentido ao que antes estava disperso. Será possível então sair do caos, tomando um rumo que possa ajudar aquele grupo e aquelas pessoas a encontrarem seu caminho.

Para Bion, no processo do *pensar* há uma oscilação constante entre as duas posições kleinianas, que variam da desintegração à integração, da desordem à ordem, dinâmica que pode ser simbolizada por: Posição Esquizoparanóide ←—→ Posição Depressiva.

Tal relação simboliza também a descoberta do *fato selecionado*, um importante conceito, inspirado no matemático Poincaré, sobre a relação entre fatos.

Poincaré mostrou que o *fato selecionado* pode ser uma idéia ou emoção que coloca ordem na desordem e dá coerência ao que está disperso. É um sentimento de descobrimento.

*Para ter valor cumpre ao novo resultado unir elementos há muito conhecidos,
embora dispersos até então e, na aparência estranhos uns aos outros,
quando subitamente introduzem ordem, onde tudo era desordem.*

*De relance nos é dado
ver cada elemento no lugar que ocupa no todo.
Não só por si é de valor o fato novo,
mas sozinho confere-o aos anteriores que vincula.*

H. Poincaré - (Science and Method)

O fato selecionado foi considerado por Bion (1970) uma importante conquista do psicanalista em seu trabalho, isto é, conseguir chegar a um fato que possa integrar o que está disperso, dando coerência ao material, até então caótico.

O fato selecionado possibilita o pensamento verbal do analista, seguindo-se daí, a transformação em interpretação, processo que Bion denominou *evolução* - o que quer dizer - há uma mudança na mente do analista de um estado de *paciência*, que corresponde à posição esquizoparanóide, para um estado de *segurança*, que corresponde à posição depressiva (FERNANDES, 2003, p.134).

O nome paciência está relacionado com tolerância às frustrações. No grupo, mais ainda, pois devido à complexidade das comunicações multipessoais, é necessário se aguardar por algum acontecimento, palavra, ato falho etc., que nos ajude a perceber o vínculo entre as diversas comunicações, aquilo que irá **dar nexa ao que estava caótico**.

Cada participante do grupo, quando se depara com experiências emocionais ou “físicas” tem certo impacto, vê-se perturbado e na ausência de satisfação de desejo passa por momentos de confusão, de caos, de frustração. Tais momentos, se não tolerados poderão se transformar em sintoma ou *acting out*, mas, sendo tolerados, darão origem a pensamentos e ao pensar, já com algum rumo que promova crescimento, o que pode ser facilitado no processo de grupanalise, com ajuda do grupo e do grupanalista. Em todas essas situações, o caos está por perto...

Tanto o analista como os pacientes temem a mudança e o crescimento, porque a **ameaça do desconhecido** é acompanhada de uma dolorosa angústia catastrófica.

Sendo assim, concluo que no trabalho grupanalítico se estuda o verso e o reverso, mas principalmente o diverso, que costuma estimular o surgimento de suscetibilidades narcísicas referentes a pequenas diferenças, dificuldade de escutar ao outro e frequentemente um mergulho no adverso mundo dos mal-entendidos.

Mais uma vez a busca da verdade, na vida e no grupo psicanalítico, passa pela tolerância na aceitação da incerteza e pelo abismo do mistério humano.

Referências Bibliográficas

- BERLO, D. K. (1985) *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BION, W.R. (1963) *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- BION, W.R. (1970) *Atenção e Interpretação*. Imago, RJ, 1973.
- BLÉANDONU, G. (1990) *Wilfred R. Bion - A vida e a obra*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, 267p.
- FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, W. J. (2003) *Grupos e configurações vinculares*. Porto Alegre: Artmed, 2003. 303p.
- FILIDORO, O. (2005) *Convergencias y divergencias en psicoterapia*. I Congresso Brasileiro de Psicoterapia, Belo Horizonte, 10 e 11 de Outubro/2005.
- FOLHETO de divulgação do VII Congresso Nacional de Grupanalise e VIII Encontro Luso-Brasileiro de Grupanalise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa: 2005.
- KLEIN, M. (1946) *Melanie Klein. Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MICHAELIS ELETRÔNICO (1999) – *Dicionário Dicmaxi Michaelis* – Melhoramentos. São Paulo: 1999.
- ROJAS, M. C. (2005) *Implicaciones y complicaciones del trabajo con grupos – administrando diferencias. Incluir – excluir – convivir*. Vínculo – Revista do NESME. Publicação do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares, São Paulo: Ottoni Ed., 2005, p. 89-98.
- ZIMERMAN, D. E. (1995) - *Bion. Da teoria à prática - uma leitura didática*. Artes Médicas, 1995.

Maria Manuela Porto

Psicóloga Clínica, Grupalista,
Terapeuta familiar

O Desenvolvimento da Intimidade no Casal

Comunicação apresentada no III European Conference of Psychoanalytic Psychotherapy, Lisboa 2004

Resumo

O casal como díade grupal.

Do Nós ao Eu - do Eu ao Nós.

Sobre o Amor - breve passagem por alguns autores da Filosofia e Psicologia.

Intimidade e «espaço interno».

Aspectos narcísicos e aspectos da relação libidinal de objecto.

Palavras-chave: Intimidade, Grupo, Vínculo, Narratividade, Sentido.

Esta é uma breve reflexão acerca do que seja intimidade e o papel que ela desempenha nessa díade grupal que o casal é.

No decurso do meu trabalho clínico e, sobretudo, a partir do momento em que comecei a receber casais, surgiu-me esta questão:

- o que é a intimidade?

Até hoje descobri muitas perguntas e algumas poucas respostas.

- O que é a intimidade?

- Porque é que existe? O que é que a faz aparecer? (Lembro-me muitas vezes do que aquele filósofo se perguntava sobre o ser: «por que é que existe o ser e não existe o Nada?»)

- Por que é que existe intimidade, e a sua necessidade, a sua procura constituindo mesmo um pedido a nível terapêutico?

- Por que é que temos ligações, vínculos?

- E o que é que faz desenvolver-se, crescer a intimidade?

- Como é que isso se passa nas famílias ou entre os amigos?

- E nos nossos grupos terapêuticos?

- No casal - como surge e qual é o papel que desempenha?

Talvez o seu significado seja o mesmo, mas, apareceram-me vários tipos de intimidade:

O Gonçalo, um rapaz que cresceu numa pequena cidade da província e que fez uma psicoterapia comigo, na sequência de problemas de consumo de drogas, contou-me que, naquele momento em que nem sabia a que correspondiam as palavras mais simples, «mesa», «pai» ou qualquer outra, e se sentia isolado de todas as pessoas e impossibilitado de conversar com elas, se tinha sentido muito acompanhado pela ideia de existirem árvores e terra e animais... Tinha-se sentido integrado aí, e tinha desenvolvido, dentro de si (certamente pela projecção e pela evocação de experiências da infância), uma grande intimidade com a Natureza. Isto, e a relação terapêutica, tinham-no ajudado, com o tempo, a voltar a ter a noção daquilo a que correspondiam os nomes dos objectos ou das pessoas.

Um músico contou-me que desenvolveu tanta «intimidade» com um determinado compositor que, quando tocava as suas composições, começou a ter um sentimento muito profundo como se estivesse andando numa paisagem «grandiosa», mas que lhe dava paz e um sentimento estético muito forte. Ficou surpreendido, um dia, quando leu uma autobiografia desse compositor, e percebeu que ele tinha tido as mesmas imagens ao compor.

Lembrei-me também do que os místicos dizem sobre este assunto, idealizando a intimidade. E passo a citar dois pequenos excertos de S. João da Cruz (século XVI). Numa pequena nota que intitulou «A noite sossegada» (1986), diz:

«Neste sono espiritual que a alma tem no peito do seu Amado, possui e goza todo o sossego, descanso e quietude da pacífica noite, e juntamente recebe em Deus uma abissal e obscura inteligência divina; e, assim, diz que o seu Amado é para ele a noite sossegada.»

No parágrafo seguinte vai explicar que essa noite «não é, à maneira de noite escura, mas de noite tocando já o surgir da aurora».

E em outra anotação:

«Neste alto estado de matrimónio espiritual, o Esposo descobre com grande facilidade e frequência os seus maravilhosos segredos à alma como fiel consorte, porque o verdadeiro e íntegro amor não sabe ter nada encoberto ao que ama.»

Passando para o contexto da Grupanálise, foi muito relevante para a minha reflexão e para o próprio progresso do grupo, a queixa que um dos grupanalísandos fez a propósito das faltas de dois elementos. Queixou-se de que as faltas faziam perder o calor que ali havia no grupo - era como se tivesse um sentimento de frio quando não estavam todos.

Há em todos estes exemplos um sentido contendor dos elementos com que se dialoga: Natureza, Deus, o outro, o grupo...

Intimidade tem a ver com interioridade, com espaço interno - o próprio, partilhado com outrem, recriado com outrem.

Não é este mesmo espaço «recriado» que encontramos nos grupos com que trabalhamos, permitindo o próprio alargar o do espaço interno individual pela análise?

O mesmo se passa com o casal se o pensarmos como um grupo (embora com características muito específicas) que é uma díade.

Mas como surge esse «espaço interno»?

A. Eiguer (1998), explica-nos, a partir de Bion, que tanto os vínculos intrapsíquicos como os vínculos interpessoais «são inspirados pelo amor, logo, pelo movimento libidinal»; e que ele parte das primeiras experiências-mãe-bebé para explicar a génese do vínculo, insistindo na importância da «identificação projectiva de comunicação».

De maneira muito sintética, gostaria de lembrar algumas das suas conclusões: no vínculo é o encontro entre dois psiquismos «que conta»; o vínculo representa um investimento objectal; nele estão presentes aspectos narcísicos e objectais.

Eiguer refere-nos também contribuições de Meltzer, Winnicott, Bleger e outros, sobre a noção de vínculo e de relação diádica, explicando-nos como surge a possibilidade de se construir como um Eu separado, condição dessa outra possibilidade de estabelecer relações com outrem.

Passando para o processo terapêutico, permito-me usar as palavras de Jean G. Lemaire (1995):

«Este processo de subjectivação [...] está diante de nós em qualquer terapia familiar ou de casal. Ele é o objecto central do nosso trabalho. É ele que o justifica». E «o limite impreciso de si mesmo dá lugar a um Nós também mal delimitado, simultaneamente suporte possível do Eu e ameaça para as fronteiras mal definidas desse Eu».

No casal, a continuidade constrói-se, assim, a partir das vivências e da subjectividade de cada um, como algo comum.

E, talvez por isso, antes de pensarmos em conceitos como fidelidade, lealdade, em relação a um casal que nos procura porque sente que não tem intimidade, é necessário entender se o «espaço interno» de cada um está livre para uma partilha deste tipo com o outro. Se um deles já tem uma intimidade construída com outro elemento fora do casal, presente, ou passada mas de que não fez o luto, isso não será possível. E isto constituirá mesmo uma contra-indicação em relação ao pedido expresso de uma psicoterapia de casal.

Lembro-me de um casal que recebi, em que havia um pedido muito forte de criação de um espaço comum de partilha, mas em que o homem, em entrevista individual, me contou que tinha sido «sempre fiel», nas suas próprias palavras; só tinha uma grande «amizade» com uma assistente sua, contava-lhe tudo, saíam juntos, apoiavam-se em tudo. Achava que até estava um bocadinho apaixonado por ela, mas não fazia mal, nunca tinham tido relações sexuais, e o que ele queria era conservar o casamento. Achava que a mulher não suspeitava.

Ela acusava-o de falta de espontaneidade em casa, de não falar, não expressar os seus afectos e não a desejar. Dizia: «não há chama».

Foi difícil explicar a este homem que a mulher se queixava da falta de uma intimidade com ele, intimidade que ele possuía com a assistente e crescia cada vez mais, e não estava disposto a pôr de parte.

Por vezes, é também a relação com as famílias de origem que impede ou dificulta a criação desse espaço de que Philippe Caillé (1991) fala:

«Todo o sistema humano é, dentro da óptica sistémica, considerado como um conjunto de indivíduos, mais um terceiro simbólico, que é o partilhar, mais ou menos consciente, por esses indivíduos, do modelo organizante do sistema, fonte do sentido de pertença.»

E é porque são duas pessoas distintas que se pode constituir esse sistema-casal.

Murray Bowen mostrou-nos bem como a indiferenciação e a fusão no casal podem tomar a forma de sintomas, que estão relacionados com outras situações não resolvidas a nível individual.

Como alguns autores o designam, existe, sim, um Eu, um Tu e um Nós, que não se confundem nem com fusão nem com a soma dos elementos do casal.

Kurt Lewin, por seu lado, em 1940, explicava que o conflito no casal tem de ser visto como uma situação de grupo; os problemas de um dos cônjuges devem ser vistos como resultantes da sua relação com o grupo que o casal é.

Com Jean Lemaire, poderíamos dizer que «esta é a questão pouco solúvel do que é que está primeiro: o ovo ou a galinha», ou, com Meltzer, falar do indivíduo como «um grupo interiorizado».

Zavattini (1997) fala da necessidade de reconhecer a separação em relação ao outro, mas a dependência da relação como tal. A relação constitui, assim, um terceiro elemento que tem uma identidade própria.

Mais recentemente, Whitaker (1995) define o casamento como «um quadro de intimidade, com um sistema de normas preciso».

Sternberg (2001) qualifica a intimidade como «um dos componentes do amor», os outros sendo a paixão e o compromisso. Todos os outros elementos que nos aparecem como constitutivos do Amor não seriam mais do que partes ou manifestações destes três. Por exemplo, a comunicação está ligada à intimidade e é como que o alicerce desta.

Estes três componentes parecem encontrar-se, de forma bastante generalizada, independentemente da cultura, do lugar ou da época, embora com diferentes graus de importância. Eles são distintos, embora estejam relacionados e é assim que, numa relação, pode acontecer estar presente só um deles, ou um ter mais importância do que os outros e, assim, as relações amorosas adquirirem configurações e tipologias diferentes, que vão desde o Amor total (com todos os elementos em equilíbrio) ao Amor vazio (onde existe apenas compromisso), passando pelo Amor companheiro (intimidade e compromisso), o Amor romântico (intimidade e paixão), o enfeitamento (só paixão), o afecto (apenas intimidade), o Amor louco (paixão e compromisso).

Esta conceptualização, como o autor a explica, pretende descrever e interpretar comportamentos, sentimentos, emoções.

Intimidade tem a ver com comunicação, um diálogo verbal e não-verbal.

Nas palavras de Emmanuel Mounier (2004), «essa interioridade [...] não é oposta ao movimento de comunicação, mas pulsação complementar».

Será com as nossas imagens internas projectadas e, em simultâneo, com o que nos rodeia, com o que outros dizem, disseram ou nos deixaram de si - no dia-a-dia, na Literatura, na Filosofia, na Música, etc.

Será, com certeza, com tudo isto e com as pessoas com quem estabelecemos vínculos.

Intimidade tem, assim, a ver com narratividade, assente na possibilidade da função contentora e criadora de sentido. É o «ser capaz de dizer e de se dizer» de que Stern falava. A capacidade de simbolização aí suposta vai permitir a construção simultânea de uma identidade - pessoal, no e do casal, de e no grupo, etc.

Esta possibilidade de construção de uma narrativa comum é sempre inacabada e em aberto. Isto faz-me lembrar o que Paul Ricoeur (2000) diz sobre o que somos: «...o ser que somos é tanto esforço, quer dizer, afirmação, como desejo, quer dizer, ausência, falta, carência...»

E vou terminar com um poema de um poeta português do século xx, David Mourão-Ferreira (1996):

CORPOEMA

Das sílabas à espátula
começo pouco a pouco
a modelar-te em alma
o que era apenas corpo
De sílabas a estátua
De lâminas a sopro
o que era apenas alma
volve-se agora corpo.

References

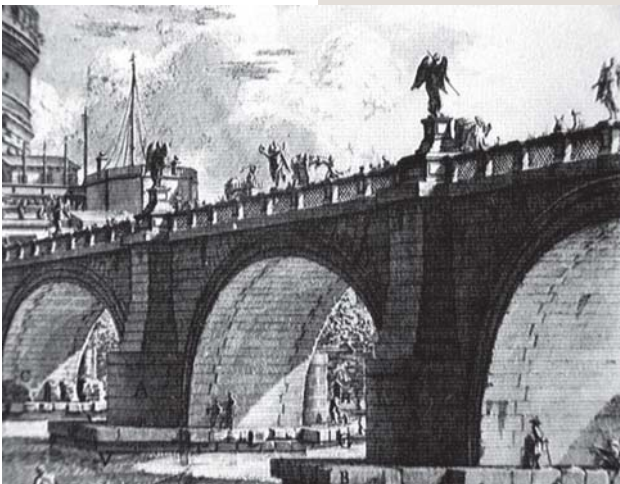
- Eiguer, A. (1998) *Clinique Psychanalytique du Couple*. Paris, Dunod.
- Lemaire, J. G. (1995) «Je est parfois un autre». *Dialogue*, nº 130.
- Mounier, E. (2004) *O personalismo*. Coimbra, Ariadne Editora.
- Mourão-Ferreira, D. (1996) *Poesias*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra.
- Norsa, D., Zavattini, G. C. (1997) *Intimità e Collusione - Teoria e Tecnica della Psicoterapia Psicoanalitica di copia*. Milano, Raffaello Cortina Editore.
- Caillé, P. (1991) *Un et un font trois*. Paris, ESI Éditeur.
- Ricoeur, P. (2000) *Teoria da interpretação*. Lisboa, Edições 70.
- S. João da Cruz (1986) Cântico espiritual, canção xv e canção xxiii, *Obras Completas*. Oeiras, Edições Carmelo.
- Sternberg, R. J. (2001) *A seta do Cupido - o percurso do amor ao longo do tempo*. Lisboa, Editora Replicação.
- Whitaker, C. A. (1995) «As funções do casal», in Maurizio Andolfi et al. (org.) *O casal em crise*. São Paulo, Summus Editorial.

Liliana Cardoso

Psiquiatra
Gruapanalista

As Pontes

Comunicação apresentada no III European Conference of Psychoanalytic Psychotherapy, Lisboa 2004



A.

A ponte não é apenas um braço, é um corpo. O nosso corpo. Somos pontes de nós para os outros. Somos pontes dos outros para nós. E internamente pontes de nós para nós. A ponte é a nossa condição relacional, familiar, profissional e social. Mas também pessoal e íntima. Somos porque somos pontes. Se não fôssemos pontes, não seríamos. A absoluta insularidade é o autismo.

Santiago Calatrava, o famoso arquitecto e engenheiro, que desenhou a Gare do Oriente de Lisboa, num texto que tem como título “As Pontes têm um significado”, diz “Construir pontes é mais eficiente do que qualquer outra forma de arquitectura por ser acessível a qualquer pessoa. As pontes são acessíveis a pessoas que não têm interesse por arte. Um simples gesto transforma a natureza e dá-lhe ordem.”

Porquê esta acessibilidade, este significado? Por que a ponte, para além da sua funcionalidade logística, é a expressão viva de uma das nossas mais fortes aspirações. Se a casa é a habitação imóvel, se a praça da cidade é o percurso relacional, a ponte é a habitação do movimento maior, da viagem, da descoberta e da liberdade. A ponte vai para longe, leva-nos para longe, liga-nos à distância. É também um gesto único que contribui para transformar a nossa natureza e dar-lhe ordem.

B.

O mundo e nós próprios jogamo-nos entre pontes e fronteiras. A História das pontes é a História do Mundo e a História do Homem.

As pontes romanas.

Desde as que ultrapassavam rios, como a de Aelius, mais tarde Sant’Angelo, em Roma, inicialmente construída pelo imperador Adriano, imperial e metropolitana, até àquelas que, como a de Segóvia, em Espanha, sendo aquedutos, transportavam, através de longas distâncias, água, a fonte da vida.



As pontes renascentistas.

Ponte Vecchio de Florença, habitada, “relacional”, polivalente, administrativa e política, ponte de passagem do Grande Duque Cosimo entre a sua residência, o Palazzo Pitti e os Uffizi e o Palazzo Vecchio, mas também ponte de comerciantes de materiais preciosos que ali se vendem, se trocam, fazendo lembrar outro “comércio”, as trocas na matriz do grupo, a Ponte dos Suspiros, em Veneza, que liga o Palácio dos Doges, onde os criminosos eram encarcerados, e a prisão de Piombi, digamos que simbolicamente ligando a parte aprisionada do analisando e o espaço de liberdade que é o grupo.

Le Pont Neuf, sobre o Sena, em Paris. Ponte a propósito da qual Louis-Sébastien Mercier, no século XVIII, escreveu: “... é para Paris o que o coração é para o corpo humano. A ponte é o centro do movimento e da circulação...” Tal como a matriz do grupo.

As pontes que, hoje, reconstruídas ou construídas, nos servem e simbolizam.

A ponte de Mostar, destruída em 1993, durante a guerra da Bósnia, e hoje reerguida. Assim os conflitos vividos e as reconstruções destes conflitos no grupo.

A ponte de Alamillo, em Sevilha, justamente de Santiago Calatrava, que é, ela-própria, uma imagem de um corpo em movimento, avançando, tal como tendencialmente o grupo é movimento, é avanço.

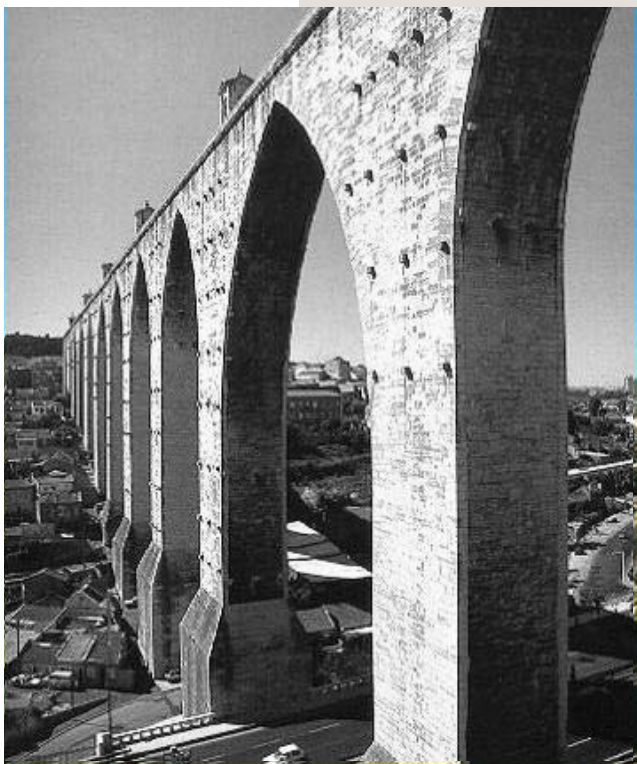
As pontes de Arrábida e de S. João no Porto, do engenheiro português Edgar Cardoso, arcos que se lançam e permitem o encontro.

A espantosa ponte-aeroporto do Funchal, na Ilha da Madeira, do também engenheiro português António Segadães Tavares, uma verdadeira ponte para o Mundo, uma ponte que já voa antes do próprio voo dos aviões que dela descolam.

C.

Isto tem um especial significado neste país, Portugal. Portugal é, sempre foi, histórica e culturalmente, ponte sobre o mar. Ponte da terra para o mar.

E do mar para o mundo. Para o mundo que há do lado de lá do mar, as Índias. Mas também para o mundo global. Curiosos, aventureiros, navegantes, nautas, descobridores, pesquisadores, comerciantes, emigrantes, os Portugueses teceram uma teoria de pontes, uma teia de pontes relacionais. Onde quer que formos, há Portugal: na traça de uma igreja, numa ponte, num apelido, num azulejo, num petisco culinário. O mapa do nosso vagamundismo parece um desenho de Piranesi. No coração de Lisboa, não longe do rio Tejo, ergue-se uma das mais espantosas pontes transportadoras de água, que, construída no século XVIII, tem como nome funcional e simbólico o de Aqueduto das Águas Livres. Que passa por um reservatório com o nome tão significativo de Mãe d'Água.





D.

Que é uma grupanálise, a não ser uma subtil engenharia interior de pontes, por sobre fronteiras? Por sobre a nossa própria fronteira. Para fora de nós.

E para dentro de nós. A ponte móvel, pênsil, rotativa, do grupanalista. As pontes que se lançam, e se cruzam, e se ligam, e se aliam, e se suspendem, e se retraem, e se levantam, e se recusam, e se digladiam, e se reabrem e se reconciliam. Pontes-aquedutos que vêm matar a sede. Isto é, a solidão, o vazio interno. Pontes de troca, de comércio relacional, entre os analisandos.

Pontes que simultaneamente respeitam e preservam as identidades e as distâncias mas valorizam a relação-trânsito. Valorizam a identidade, a identificação da identidade com a relação-trânsito.

Cada paciente tem, como é sabido, a sua matriz relacional interna e vai ao grupo confrontar-se, pensar, elaborar sobre as diferenças e as afinidades com outras matrizes, estabelecendo pontes, por vezes de agressividade construtiva, por vezes de agressividade destrutiva, por vezes de amor à verdade, por vezes de ódio aos vínculos e à verdade. Mas desta construção, desta matriz, saem evidentemente novas engenharias, novos projectos de autonomia e de liberdade pessoais.

O espaço grupanalítico pode ser entendido como um espaço materno. Um espaço de transformação, de expansão interna. Para a liberdade da exploração futura, após a grupanálise.

Por vezes, durante essa transformação, emergem no adulto ansiedades primitivas de separação. Separação que alguns analisandos tendem a ultrapassar criando pontes com esse espaço. Como, por exemplo, no período de férias do grupo, ir ao consultório à procura do espaço grupanalítico, ou escrever postais, ou ligar para o atendedor de chamadas para ouvir a gravação da voz do grupanalista. São formas de ultrapassar a distância. Formas que, naturalmente, devem ser elaboradas.

Decerto, as regras do setting ajudam a promover a necessária delimitação entre o eu e os outros, facilitando a obtenção das capacidades adultas de diferenciação, separação e individuação. Estas regras contribuem para definir a noção dos limites, limitações, lugares e diferenças. É também importante que o analista reconheça que é unicamente sofrendo as inevitáveis frustrações impostas pelo setting que ajudam a desenvolver a capacidade para pensar e simbolizar.

E.

Não é apenas o caminho que, como diz o poeta, se faz caminhando. Somos nós próprios que nos fazemos, caminhando. Voando sobre os gaps nessas suspensões que são as pontes. A grupanálise contribui para construir novas pontes internas e interrelacionais. Permitindo a deslocação, a viagem, a mudança, a individuação.



Ângela Ribeiro

Psiquiatra
Grupalista

Da Psicoterapia Individual até à Grupanálise

Comunicação apresentada no III European Conference of Psychoanalytic Psychotherapy, Lisboa 2004

Em Portugal, hoje em dia, começa a ser muito frequente a procura de um tratamento psicoterapêutico quer como adjuvante da terapêutica farmacológica quer como único método de tratamento para patologias, dificuldades ou problemas vários.

Os *mass-media* dedicam uma atenção diferente à que dedicavam há uns anos atrás à Saúde Mental e não só há artigos em revistas assinadas semanalmente por psiquiatras, psicólogos, psicoterapeutas ou psicanalistas como em muitos debates televisivos e radiofónicos a opinião destes técnicos já se torna imprescindível. A palavra psicoterapia tornou-se familiar embora por vezes apareça sem uma definição de critérios rigorosa.

Este facto tem muito impacto na população em geral e influencia a procura de um tratamento psicoterapêutico por moto próprio. Leva também a um aconselhamento muito mais frequente pelos médicos de clínica Geral e de outras especialidades que até há bem pouco tempo marginalizavam a Saúde Mental. A política de integração da Psiquiatria em Hospitais Gerais, já não confinada aos velhos hospitais asilares contribuiu sem dúvida para que a Psiquiatria e a Saúde Mental fossem entendidas como uma necessidade, olhadas e respeitadas como qualquer outra especialidade médica.

No entanto, ainda há muitas dúvidas quanto ao tipo de psicoterapia a fazer ou a aconselhar: comportamental, cognitiva, de base analítica ou até mesmo para os mais privilegiados porque não uma psicanálise? Os indicadores que levam a escolher uma ou outra Psicoterapia não aparecem, no entanto, de uma forma muito clara.

A procura da Grupanálise por moto próprio na generalidade da população está praticamente fora de questão pois o desconhecimento à volta dela ainda é muito grande.

Da minha experiência o aconselhamento para uma psicoterapia de grupo ou para uma Grupanálise é substancialmente menos frequente do que para uma Psicoterapia Individual a não ser se for feito por colegas da SPG ou por colegas psiquiatras e outros técnicos de Saúde Mental que já tivessem tomado contacto com a Grupanálise de um modo ou outro.

Isto entra directamente no assunto nobre desta comunicação: como é que nos chegam os doentes; que tipo de patologia têm, e como motivá-los do setting individual para o setting grupal e do registo psicoterapêutico para o registo analítico.

E o que aparentemente parece uma tarefa fácil torna-se muito menos fácil e penso poder dizer que comporta dificuldades de parte a parte.

Os doentes que nos procuram, hoje em dia, para fazer uma psicoterapia não são exclusivamente os que têm patologia neurótica.

Hoje em dia são muito frequentes as “patologias do vazio” e as patologias narcísicas. Nessas, a aliança terapêutica está sempre a sofrer sobressaltos- daí que para estes pacientes se tenha que ser extremamente cauteloso - são pacientes que requerem atenções especiais da parte do grupo e da parte do analista pelo que não é fácil seleccioná-los.

Se por um lado podem ajudar a dinamizar mais um Grupo por outro lado estes pacientes criam por vezes situações de difícil manejo, um escrutínio constante, situações contratransferenciais complicadas e portanto maior risco de saída.

Da psicoterapia de inspiração analítica até à Grupanálise há um caminho a percorrer pelo paciente e pelo analista:

A) Pelo Paciente

- Pelos factores de motivação;
- Pelo tempo dispendido;
- Pela mudança de setting;
- Por factores inconscientes.

1- Motivação

Nalguns meios médicos, contudo, por haver técnicos diferenciados, na sua maioria psiquiatras e hoje em dia muitos psicólogos, a procura e a curiosidade torna-se maior. Mas nesses casos normalmente a procura da Grupanálise é para fins profissionais, a chamada grupanalise didáctica que só pode ser feita também por grupanalistas didactas.

O Curso de Formação que lhes dará a prática grupanalítica pode começar ao fim de dois anos de Grupanálise Didáctica e portanto a escolha de um Grupanalista didacta é a mais vantajosa em todos os sentidos.

Assim, o recrutamento de doentes para uma grupanalise, nos grupanalistas não didactas, mais jovens na carreira, está muito confinada aos pacientes “não psis” que lhe venham do supervisor, de colegas ou então dos seus próprios pacientes.

Os drop-outs, um dos grandes receios dos grupanalistas mais jovens., estão sem dúvida mais salvaguardados em Grupos que tenham futuros grupanalistas motivados para isso.

2 - Tempo

Há outros factores que tornam difícil a passagem de uma Psicoterapia para um Grupo tais como: a falta de tempo, a competição a que as pessoas sentem que estão sujeitas para manterem empregos e que as faz reear tomar compromissos em termos de horário, a dificuldade que algumas mulheres têm de arranjar alguém que lhes cuide dos filhos pequenos em horário pós-laboral etc, etc. Tudo isto pode aparecer como demonstrativo de resistência mas todos conhecemos casos em que isto é uma realidade inultrapassável..Cabe-nos a nós adaptarmo-nos a esta mesma realidade, fazendo modificações à técnica e ao padrão.

Parece-me não estar muito fora destas razões o facto de muitos grupanalistas, principalmente os mais jovens terem mais grupos duas vezes do que três vezes por semana e alguns já funcionarem com grupos de Psicoterapia, portanto, uma vez por semana. Não pretendo aqui de forma alguma avaliar a exequibilidade das mesmas, até porque isso dependerá de muitos factores;pretendo apenas realçar o percurso difícil e por vezes moroso que vai da Psicoterapia individual até à Grupanálise.

3- Setting

O paciente pode reear ir para um Grupo porque a mudança de setting pode levantar receios quanto à confidencialidade e quanto à confiança.

Expor intimidades envergonhadas que nunca foram partilhadas com ninguém outrora, pode levantar pudores, receios, dificuldades.

Quando as coisas me são postas nestes termos eu costumo explicar que essas dificuldades são universais: que todos os que estão no Grupo passaram por elas e todos os que vierem as porão da mesma forma.

Quanto à confidencialidade e confiança é bom que o paciente entenda que o Grupanalista lhe está a proporcionar um tratamento com outros que conhece muito bem e onde ele pode sentir-se à vontade.

4- Factores Inconscientes

No início da minha experiência como grupanalista acontecia-me muitas vezes propor um doente para um Grupo - que por seu lado ficava bastante interessado e motivado naquela sessão.

Acontecia algumas vezes que o paciente não mais falava do assunto nas sessões seguintes e era eu novamente que o tinha que relembrar. O assunto tornava a interessar mas a verdadeira motivação não aparecia. Interrogava-me, interrogo-me e penso que tem a ver com factores tão inconscientes para o paciente que não o ajuda a tomar uma decisão.

A proposta em si repete a passagem da relação de objecto dual para a triangular que foi provavelmente difícil, mais para uns do que para outros.

Organizei desta forma as dificuldades:

- de passar a ser filho único a partilhar com outros: a mãe, o pai, o espaço.
- de reviver um papel no grupo que foi penoso ter sido vivenciado noutros Grupos: a rejeição, a diferença, o de ser alvo de chacota constante, etc, etc, etc...

a) Necessidade da situação dual

A necessidade de prolongar a situação dual é importante para muitos pacientes - não só os de patologia border-line, como todos aqueles em que esta relação foi insatisfatória.

Esta necessidade pode levar inconscientemente a uma dependencia do analista e a uma idealização que torna difícil partilhá-lo em Grupo.

No entanto no meu entender é preciso ser vivida - que bom alguma vez na vida poder sentir que aquela pessoa está ali integralmente para cuidar de nós, para nos compreender mesmo quando muito regredidos e para nos fazer sentir que somos únicos para ela. Só assim a reparação pode acontecer.

Quando essa necessidade deixar de ser tão premente pode finalmente equacionar-se a entrada num Grupo.

b) Passar da situação dual para a triangular

Dividir o analista, o espaço e o tempo com outros é sentido por muito gente como uma dificuldade. Penso que isso tem fundamentalmente a ver com os grupos matriciais internos prévios. Repartir mãe, pai irmãos e espaço é motivo para ciúmes, invejas, rivalidades - tão difíceis de lembrar, de reviver.

Todos os pacientes mas principalmente pacientes com traços narcísicos marcados ou muito dependentes do analista têm receio de perder a atenção e a relação única que têm com ele.

É preciso que o paciente compreenda e sinta que está a passar por uma dificuldade que tem a ver com o seu passado e que genuinamente aceite que para a ultrapassar há que revivê-la em Grupo. Este processo de elaboração tem de ser feito ao ritmo do paciente - sem pressas, sem pressões para que o paciente possa sentir ainda mais a sua aliança terapêutica reforçada.

Penso que precisamos ser muito cuidadosos na avaliação destas dificuldades para evitar assim saídas abruptas, resistências várias. O paciente deve sentir esse espaço de contenção individual mesmo no grupo para poder expôr a sua transferência negativa e para expor os afectos positivos ou negativos que lhe advêm das rivalidades fraternas. Parece-me que assim interpretação é acolhida de uma forma suportável.

B) Grupalista

Para mim, a selecção de doentes para um Grupo só se deve fazer quando há uma boa aliança terapêutica, uma empatia grande e uma confiança recíproca .

Mas também o analista é assolado por uma série de dificuldades:

1- Factores Pragmáticos

A necessidade de “encher” o grupo há tanto tempo com uma, duas ou três cadeiras vazias, ou a necessidade de pôr especificamente um homem ou uma mulher aceitando as queixas do Grupo de que este está muito vazio ou de que falta alguém do sexo oposto.

Podem ser factores que inconscientemente nos pressionem na selecção e na indução da motivação precoce ou mal conduzida.

Pode ser difícil principalmente para os grupalistas mais jovens.

2- Factores emocionais

- Como será que o paciente vai reagir à proposta de entrada num grupo? Vai aceitar? Vai resistir? Vai fugir?
- Como será que o grupo “A” irá recebê-lo? E o grupo “B” recebê-lo-ia melhor?
- Como é que ele se vai sentir no Grupo?
- Será que por má avaliação eu vou provocar algum “drop-out”?
- Que implicações é que esta mudança vai ter no Grupo?

Estas perguntas penso que preocupam todos nós de uma forma ou de outra...

3- Resistências

O analista pode ter as suas resistências que derivam obviamente da sua contratransferência:

- Positiva - com aquele paciente a sessão ser sempre extremamente satisfatória porque o doente tem um bom insight e porque nos gratifica reconhecendo a evolução que está a fazer com o nosso trabalho. Será que inconscientemente nos apetece perder este espaço tão “quentinho”, tão gratificante? É que poderá não ser só o paciente a sentir-se reconhecido. Temos de nos escrutinar constantemente para não estarmos a pôr as nossas necessidades acima das do paciente.
- Contratransferência negativa que faz temer um futuro impedimento de compreender e analisar aquela pessoa.

Outras factores importantes haveria a falar entre o caminho que medeia a psicoterapia individual até à grupanálise quer da parte do paciente quer da parte do analista. Estas pareceram-me as mais importantes e aquelas que derivam da minha práxis e das minhas próprias dificuldades.

Bibliografia

Bion, Wilfred (1948), *Experiências com Grupos*, Imago editora (2ª ed.,1970).

Cortesão, E (1989), *Grupanálise-Teoria e Técnica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Zimerman, D.E.(2000), *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*, Artmed Editora, Porto Alegre (2ª edição).

Lúcia da Costa Soares

Psicóloga, grupalista

José Luis Gomes

Psicólogo clínico, psicoterapeuta e
analista bioenergético

A Experiência/Vivência Grupalítica

Aprender a diferenciar-se e a ser neutro perante a diferenciação

Resumo

Podemos afirmar, sonhando ou idealizando, que toda a ciência, a filosofia, o saber, a poesia, a arte, implicam uma verdade que se pretende pura, imaculada, sem contaminação.

Verdade que é sempre estética. Estéticas são também as verdades que se inter-jogam nos cruzamentos de um grupo (analítico-terapêutico).

Cruzamentos e transformações que se observam num setting que se cruza com o eixo do tempo: exterior (sessões, periodicidade, crescimento do grupo, fases do grupo) e do interior (tempo dos fantasmas, dos objectos internos, da repetição/projeção da dor, do trauma).

“Ressonância fantasmática” (Anzieu, D.), “Grupo Continente”, “Grupo Oral”, “Grupo Familiar”, “Grupo metabolizador de afectos e emoções/conteúdos”, é sempre um espaço que se movimenta entre o diabólico (a violência, a dor, o ódio), o paradisíaco (calmante, securizante) e o divino (a verdade, a luz, o amor).

A estética na neutralidade está aquém e além da neutralidade Rogeriana ou da neutralidade Bioniana (“sem memória, sem desejo, sem compreensão”). Esta neutralidade e estética do grupalista que fala, que digere, que devolve a cada um dos elementos e/ou ao grupo um sentido, um significado, que promove crescimento, tomada de consciência e um acumular de verdades cada vez mais interassociativas, coerentes, sintónicas, metabolizadas, que implicam a diferenciação e delimitação eu-tu, eu-outro, eu-grupo, facilitando um confronto de cores, de relações, acelerando o aparecimento de emoções e afectos, ou de vivências e sensações muito primárias, nas diferentes ligações, vínculos ou sub-grupos que se formam ao longo do processo.

A Neutralidade está na capacidade de ver que as diferenças dos outros estão presentes nas diferenças no interior de nós próprios.

É esta a estética e a verdade que faz de nós humanos, hominizados e socializados.

Palavras chave: Verdade; Estética; Neutralidade; Diferenciação; Grupo.

Nascemos de uma relação, mas também nascemos para uma relação.

A relação é a base de tudo: do desenvolvimento, da construção, da mudança, do trabalho interpretativo.

Formamo-nos e estruturamo-nos numa relação primária (“*Primary Love*”) e mais tarde numa rede de relações socio-familiares.

Não há mães perfeitas. Não há pais perfeitos. Nada é perfeito... Mas, tudo pode ser estético (no sentido da promoção de verdades), logo que seja “suficientemente bom”. A perfeição, diz-se, é o maior inimigo do bom.

Acreditar na perfeição, sonhá-la ou idealizá-la, torna-nos prepotentes, arrogantes, megalómanos. Tantas vezes os nossos núcleos mais narcísicos, mais psicóticos, não nos deixam ser, estar e existir, para uma relação.

Para isso basta acreditar que a estética pode ser simplesmente “suficientemente boa”, na excelente designação de Donald Winnicott! É a partir da relação de amor primária, precoce, materna, que o ser humano constrói e lê a realidade. Às vezes mais emotiva, às vezes mais racional. Às vezes mais filosófica, às vezes mais poética ou literária. Às vezes mais científica e técnica, às vezes mais humana ou mística. Esta relação primária, de segurança e confiança, é uma relação que promove estética, porque promove verdades que se vão construindo internamente.

São os nossos objectos internos. São os nossos buracos negros. São objectos internos iluminados ou persecutórios que nos aproximam ou afastam da realidade.

Deste modo, podemos ler algo da realidade interna do produtor de saber filosófico, poético, científico ou artístico. É esta realidade interna psíquica que vai possibilitar a criação de novas relações estéticas, bem como possibilitar a leitura da realidade do mundo e da minha própria realidade.

Temos que conviver com a frustração do *não saber*, com a frustração da *não existência* de perfeição ou da verdade humana. Existem verdades que podem ser perfeitas, quando são verdadeiramente integradas, sentidas e nos fazem sentido.

Assim, uma verdade ainda que “suficientemente boa” pode ser estética. Apesar da revista “Psychanalyse” (N.º 11 – Out./Nov. de 2001), no artigo de Jack Roux, fundamentar o Autismo Infantil de Einstein, nem por isso a *Teoria da Relatividade* deixou de poder ser uma verdade e apresentar uma construção e fundamentação verdadeiramente estéticas, apesar da realidade interna particular do seu autor.

Nascemos para a relação. Nascemos para o amor. Nascemos para criarmos um sentido. Sentido da existência. Existimos para a relação e a relação dá sentido à nossa existência.

É o início da relação psicoterapêutica analítica, que no caso da Grupanálise acentua as inter-relações, as inter-subjectividades, as diferenças, as mutações do grupo e da sua estrutura, que fomenta medos, fantasmas esquizo-paranóides, angústias, hostilidades, raiva, ódio, afectos e emoções tantas vezes parcializadas em um ou mais elementos do grupo... Enfim, o Grupo Analítico-Terapêutico faz o paciente tremer, ficar inseguro, desconfiado, defensivo, alerta perante as realidades humanas à sua volta.

Entrar numa relação, existir numa relação, entregar-se numa relação, é um processo vivencial, uma experiência difícil, por vezes obscura, por vezes indefinida, por vezes de dúvida, de medo, com hipótese de abandono e separação.

Até se atingir o estado oceânico primitivo (fase difícil, idealizada, analítica; muito semelhante ao estado em que alguém se entrega ao outro e sente confiança), paradisíaco em termos psico-corporais, pode demorar algum tempo (por isso as análises são terapias de longa duração); uma fase semelhante aquela em que o bebé relaxa, confiante, entregando-se nos braços ou no colo da sua mãe. Sabemos desde D. Winnicott o quanto é difícil para muitos pacientes – Borderline, Psicóticos ou com outras formas de patologia narcísica – entregarem “a sua cabeça” nas mãos de alguém. A cabeça clivada/separada do corpo, controla, espia e refreia a possibilidade do corpo ter sensações, ou sentir emoções nas situações de insegurança/desconfiança relacional.

Realçamos neste ponto as figuras integradas na obra “Grupanálise – Teoria e Técnica”, do Prof. Eduardo Luís Cortesão (“A Madona com Um Cravo” de Leonardo Da Vinci e a foto de uma Mãe Africana com os seus dois filhos), que realçam precisamente esta situação: o vínculo, a ligação, a estética do equilíbrio da relação maternal, em que cultura for, seja ela ocidental ou africana.

Esta relação é a base, o substrato, a matéria prima para as futuras transferências analíticas ou amorosas, como bem diferenciou Jacques Lacan, em que uma (primária) é universal e as outras (secundárias) são específicas.

A relação psicoterapêutica analítica ou as relações intra-grupanalíticas são fomentadas num jogo de cruzamentos ora equilibrantes, ora desequilibrantes, consequência da gestão entre as forças de Eros e Thanatos, entre a libido e a agressividade, entre a autopreservação egóica e o ataque, entre a clivagem, a divisão e a integração, entre as relações parciais e as relações totais.

Cruzamentos ou intercruzamentos que fazem mudar a estrutura, que transformam o grupo e promovem transformações pessoais, num ritmo cadenciado, tantas vezes com autênticas “mudanças catastróficas” (Bion), de compassos de espera, de estagnação ou por vezes de retrocessos, de regressões.

São cruzamentos relacionais que se mudam no mesmo espaço, no mesmo *setting*, mas em que o tempo exterior, com os limites definidos, nem sempre é coerente com o tempo interior. O tempo exterior apresenta-se pelo número de sessões semanais, pelo tempo das sessões, sua periodicidade ou intervalo entre as mesmas, o tempo do grupo, de cada um dos seus elementos e as fases de crescimento do grupo. Crescimento temporal, mas também interrelacional, inter-objectal, interpessoal/intersujeitos, no fundo, psico-afectivo e emocional

Existe ainda o tempo interior do paciente, que tantas vezes é o menos concreto, mais desfasado, porque é intrasubjectivo: é o tempo dos fantasmas arquivados e reactualizados na relação, no grupo, é o tempo da formação, da introjecção e projecção, ou ainda da identificação projectiva dos objectos internos, da repetição ou projecção/catar-se da dor, do trauma, do medo ou pânico do ser existencial.

Como Bernard Golse soube tão bem demonstrar na sua obra – “Insistir/Existir – do Ser à Pessoa” – em que *insistir*, origina-se de *in-sistere*, cujo significado de perseverar, pode numa relação ter o significado de *apoiar-se em*; e *existir*, de *ex-sistere*, ter o significado, na relação, de *situar-se fora de*.

Ou ainda com Carlos Amaral Dias, que soube tão bem definir o conceito de *saúde mental*, a partir da capacidade de definição e delimitação do Eu e do Outro, do que é meu e do que é do outro; delimitar o que é Eu e o que é Não Eu.

O Grupo possibilita pela sua estrutura, formação e transformações sucessivas, uma relação dialéctica entre a estrutura social e a fantasia/fantasmas inconscientes, cujo intermediário ou é o vínculo ou os relacionamentos intra-grupo. Desta forma, o “Jogo” cria-se numa dimensão psicossocial e socio-dinâmica e/ou socio-analítica.

Em comparação com a relação dual, o Grupo despoleta e fomenta os fenómenos fantasmáticos e psico-afectivos que se verificam numa relação dual psicoterapêutica.

Didier Anzieu soube muito bem teorizar e demonstrar o fenómeno de “ressonância fantasmática”, sendo um processo psíquico que se poderá denominar de Grupal Primário. Diz Anzieu que uma formação fantasmática consciente ou inconsciente, expressa de forma implícita por um membro do Grupo, estimula nos outros elementos o surgimento de formações fantasmáticas em relação metafórica ou metonímica com a formação inicial, de forma que passe a ser a preocupação central do Grupo durante um período de tempo variável. É desta forma a resultante fantasmática comum aos diversos participantes do Grupo-Analítico, ao mesmo tempo que suscita o aparecimento das problemáticas de cada um.

Didier Anzieu considera também que este é o primeiro organizador psíquico inconsciente dos grupos que “visa constituir um aparelho psíquico grupal a partir de aparelhos psíquicos individuais”.

O Grupo pode ser também um “Continente” que se interliga aos diversos “Conteúdos” e favorece a metabolização/digestão dos primeiros afectos e emoções primárias. O Grupo assemelha-se a uma boca primitiva, ora absorvente, ora dentada, ou até por vezes expulsiva, em relação à sensação e vínculo de cada elemento com a estrutura formada pelos restantes elementos ou participantes no Grupo-Analítico. Mas o Grupo pode também simbolizar a família, com representações que se podem transformar entre a lei, a ordem, o “Nome do Pai” (J. Lacan) na pessoa do Grupalista; mas também de “holding” e “handling” do Grupo e do Grupalista, da capacidade de “rêverie grupal” das rivalidades/ciúmes e vínculos fraternais, ou ainda do sentimento relativamente à totalidade ou à estrutura do grupo: sentimentos persecutórios, depressivos, hostis, de abandono, de isolamento, de amor (L) de ódio (H) de conhecimento (K) – (K, Knowledge; L, Love; H, Hate; formulação de Bion) -, proporcionando a epistemofilia cognitiva, afectiva e emocional, a partir dos diferentes vínculos ou ligações.

O Grupo é um espaço que transforma pulsões agressivas e violentas tornando-as menos caóticas ou desestruturantes, que promove o aparecimento de pulsões libidinais, de atracção, de sedução narcísica, mas também faz os participantes integrarem verdades cada vez menos relativas, cada vez mais luminosas, epistemofílicas.

Neste sentido podemos ver ou “ler” um Grupo numa perspectiva mística ou teológica, ou até teleológica, da alma humana. É um movimento diabólico-paradisíaco-divino. Movimento entre a violência, a dor, a angústia inominável, inimaginável, o “terror sem nome”, o ódio, ou numa perspectiva da Escola Psicossomática de Paris, de Pierre Marty, de funcionamento concreto, de angústias mortíferas, auto-agressivas, sem representantes afectivos ou mentais. É uma fase alexitímica, sem noção de relação, do outro, de vínculo.

Por vezes o movimento é calmante, securizante, de confiança, de liberdade, de abertura, de sinceridade ou espontaneidade.

Mas o Grupo pode assumir uma finalidade mais absoluta, mais divina – a procura do Ser, da existência a partir da *ex-sistere*, da luz, da verdade, da fé no simbolismo, nas diferentes representações que o grupo assume, na afectologia que o grupo promove.

A Estética do grupo também se promove a partir da capacidade gradual de ouvir o outro, delimitar-se face ao outro, tolerar a crítica, a observação e a frustração do outro, melhor ainda, quando se atinge a neutralidade.

A Estética da Neutralidade começa com o Grupalista na posição de “místico”, se quisermos aqui usar a expressão Bioniana, dado que o “místico” e o grupo são indispensáveis um ao outro, mas as suas relações podem ser conflituosas. O grupo necessitará de manter a coesão e a identidade e o “místico” não pode cumprir a sua missão ou expandir os seus dons, sem um grupo.

O místico pode tanto conter o pensamento de um elemento, do grupo, como ser contido pelo grupo. Desta forma, é possível a relação Continente/Conteúdo nas três possíveis categorias: Comensalidade, Simbiose e Parasitismo. A Neutralidade está aquém e além da neutralidade Rogeriana ou da neutralidade Bioniana – “sem compreensão, sem memória e sem desejo”.

A Neutralidade e Estética do Grupalista é de favorecer nos outros a sua capacidade. Neste sentido, o processo vivencial do Grupo é uma caminhada de co-construção, de intercrescimento pessoal/individual e grupal de (re)construção do Grupalista e de cada um dos elementos do Grupo.

A Neutralidade é saber diferenciar-se e identificar o que é “Eu” e o que é “Não Eu”; o que é interno e o que é externo; o que é “Eu” e o que é “Outro”. Assim, é possível a delimitação Eu-Tu, Eu-Outro, Eu-Grupo, a partir das multi-pessoalidades, da multicoloridade de relações, vínculos e sub-grupos, que aceleram o aparecimento de emoções e afectos, que pensávamos enterrados ou até inexistentes, ausentes no percurso de vida, de vivências, medos e sensações primárias, de um mundo próprio constituído a partir de um mundo interno, povoado de objectos internos,

de fantasmas, fantasias, sonhos, que por vezes nos acalmam, mas que identificamos e não nos deixam entrar em pânico ou descompensação, quando antes eram “terrores sem nome”, “angústias inimagináveis” ou fantasmas persecutórios, diabólicos ou claustrofóbicos.

O Grupalista que ouve, que se silencia, que digere, que devolve, que metaboliza, que fala, que interpreta a realidade do grupo e de cada um dos elementos, que dá um sentido, um significado, ele promove crescimento psico-afectivo, a partir de uma estratégia que chamaríamos verdadeiramente psico-arqueológica e a partir da tomada de consciência, acumularem-se verdades cada vez mais interassociativas, coerentes, sintónicas, capaz de formar o “puzzle” de cada um, com as diferentes peças da história de vida e das leituras possíveis que o Grupo devolve.

O Grupalista fala e interpreta tanto com as palavras como com os silêncios. Citamos agora Serge Videman: “O silêncio do Analista é apenas outro aspecto do problema da interpretação. Não dizer nada não é o mesmo que não ter nada para dizer, é dizer outra coisa completamente diferente. O silêncio é o negativo apenas à primeira vista. Falar não é necessariamente positivo. Não podemos falar do silêncio sem falarmos da interpretação. Existe interpretação no silêncio e vice-versa”. Diríamos que o silêncio do Analista promove sentido.

Forma-se assim a noção de individualidade ao longo dos sentidos explícitos e implícitos, das palavras devolvidas aos silêncios com sentido, da interpretação dos silêncios e das palavras, o Eu delimita-se, criam-se os contornos do Self, estrutura-se a noção de Pessoaalidade.

Bernard Golse salienta que no processo de crescimento psico-afectivo, que conduza à delimitação e identificação do Self, através da passagem do Ser a Pessoa, o mesmo é possível a partir de um processo de “Personação”.

Se por um lado o Grupo cria a formação de pessoaalidades, por outro lado e na continuidade de Freud, ficamos a saber, a sentir, que por mais diferenças que existam à superfície, no fundo de cada um de nós, são mais as semelhanças que as diferenças. Os medos, as angústias, as sensações de fragmentação, as partes psicóticas/paranóides de cada um, as perdas, as separações, as sensações/fantasias de abandono, isto é, os medos da relação, da existência, do amar e ser amado. Falamos da entrega, da segurança e da confiança básica.

Apesar das diferenças, a neutralidade existe na capacidade de identificar no outro o que é aproximadamente objectivo, o que tanto o atormenta e o faz sofrer, que é sólido ou cristalizado. Poderá também identificar em cada um nós as partes existentes, mas que não nos ameaçam e que não se cristalizaram, isto é, com as quais sabemos lidar, sem pânico e sem ansiedade.

No interior de cada um de nós poderão existir sensações, desejos ou fantasias que fazem sofrer o outro, que está na relação connosco, mas que no seu caso o faz tremer, somatizar, delirar, rigidificar, ficar neurótico, defender-se ou descompensar completamente.

A Neutralidade que se pede na Grupalidade (e leva tempo!) é atingida quando, e só quando, eu me consigo diferenciar dos outros e ver o que os outros têm que eu posso ter. Esta Neutralidade é estética quando eu me consigo delimitar, alcançando-se uma sensação de “paz” na relação grupalítica, isto é, atinge-se e aumenta-se um “espaço interior de dúvida optativa” (J. Azevedo e Silva), bem como uma delimitação face ao outro.

Desta forma, podemos afirmar que a noção de Saúde Mental ganha uma nova dimensão, a capacidade de tolerância interior conduz à capacidade de tolerância externa, de neutralidade, de anti-racismo – “Todos diferentes, todos iguais”. Atingimos a meta-tolerância.

A Pessoaalidade e a Neutralidade conseguidas são a Estética e a Verdade que fazem de nós Humanos, Hominizados e Socializados. Que fazem o Homem criar Poesia, Arte, Literatura, mas também Espiritualidade e acreditar ou defender Direitos Humanos.

Bibliografia

- Anrep (1989) – *Winnicott em Pratique*, Rueil-Malmaison, France
- Anzieu, D.; Gibelo, B.; Houzel, D.; Tisseron, S.; Lavallée, G.; Gimenez, G.; Barruel, F.; (1994) – *L'activité de la pensée – Emergences et Troubles*, DUNOD, Collection Inconscient et Culture, Paris
- Carel, A. (1988) – *GRUPPO: Le Corps Familial*, Revue de Psychanalyse Groupale, Paris, France
- Cortêsão, E. L. (1989) – *Grupandlise – Teoria e Técnica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- Dias, C. A.; Fleming, M. (1998) – *A Psicanálise em Tempo de Mudança*, Biblioteca Ciências do Homem, Edições Afrontamento, Porto
- Diatkine, G. (1997) – Jacques Lacan – *Psychanalystes d'aujourd'hui*, PUF, Paris, France
- Golse, B. (1990) – Insistir Existir – *Do Ser à Pessoa*, Climepsi Editores, Lisboa
- Pellanda, N.; Pellanda, L.; (1996) – *Psicanálise Hoje: Uma revolução do olhar*, Vozes Editores, Petrópolis
- Rezende, A.M. (1994) – *A Metapsicanálise de Bion: Além dos Modelos*, Papyrus Editora, São Paulo, Brasil
- Roux, J. (2001) – *Psychanalyse Magazine*, Oct-Nov, N° 11, Avignon



S E C Ç Ã O D E N E U R O P S I C A N Á L I S E

Madeleine Scop Medeiros

Psiquiatra, Psicanalista,
Porto Alegre, Brasil

Anosognosia: Um estudo de caso em um paciente com lesão cerebral direita apresentada sob a perspectiva da neuropsicanálise

Resumo

A autora descreve um caso de anosognosia derivado de uma lesão em hemisfério direito, principalmente em lobo frontal. Estabelece a importância da abordagem neuropsicanalítica para o entendimento e tratamento do caso.

Palavras-chave: anosognosia, neuropsicanálise, memória implícita, memória declarativa, Korsakoff.

Este é um estudo de caso de um paciente com lesão fronto-parietal direita e anosognosia, além de amnésia anterógrada. O referido é descrito segundo a proposta de Solms, de uma perspectiva neuropsicológica e de um ponto de vista psicanalítico. O paciente é um homem de 63 anos, que sofre um acidente automobilístico e fica em estado de coma por um mês. Desenvolve hemorragias subdurais bilaterais, mais à direita, que são drenadas através da colocação de derivação ventrículo peritoneal. A ressonância magnética após a cirurgia demonstra ventriculostomia do terceiro ventrículo e válvula para drenagem de hematoma subdural à direita. O paciente fica hospitalizado durante três meses e, ao retornar para sua casa, a esposa me chama para que eu o avalie. O paciente naquele momento está se comunicando muito pouco, passa a maior parte do dia acamado, e tem perda quase total da visão bilateral, uma vez que já tinha uma perda importante da visão no olho direito, e após o acidente, perde totalmente a visão à esquerda, por lesão no nervo óptico. Ele fica sendo atendido por uma equipe de home-care e por fisioterapeutas.

Iniciamos o tratamento psicoterápico seis meses após o acidente. O paciente inicialmente entrava na sala com sua esposa, pois esta fazia questão de pontuar alguns sintomas do mesmo. As falas do paciente eram parte de uma conhecida síndrome deste tipo de lesão: Síndrome de Korsakoff. Caracteriza-se principalmente pela anosognosia e amnésia anterógrada. Suas associações o levavam a relatar desde situações de seu trabalho, como se fizessem parte do tempo presente, até situações com a ex-esposa, de quem ele havia se separado havia mais de dez anos. Outras vezes, insistia com uma história de que estaria cuidando de sua mãe doente, que ela estava se recuperando, quando na realidade sua progenitora havia falecido havia mais de dez anos. Quando confrontado com a realidade atual, de que estava se recuperando do acidente, e de tinha um novo casamento, ficava muito zangado e contrariado, adotando uma conduta arrogante e irônica.

Após alguns meses de tratamento e nenhum progresso psicoterapêutico, decido por fazer uma mudança técnica baseada na memória implícita, que será discutida mais adiante. Seu último emprego havia sido numa indústria alimentícia, da qual ele apreciava muito um certo tipo de cereal. Solicito que sua esposa compre este cereal, e que construa uma situação semelhante a que ele costumava comer antes, fazendo-o relacionar com o nome da empresa anterior. Sua esposa assim procede, e o paciente vai lembrando do nome da empresa, quando sente o gosto familiar do cereal, além de dicas que sua esposa lhe refere, porém estas dicas (isoladamente) proferidas antes, não resultavam em rememoração.

Outra ação proposta é para corrigir a crença de que sua mãe está viva, uma vez que as interpretações baseadas no fato de que talvez ele estivesse se sentindo como sua mãe quando estava doente, não resultavam em nenhum insight produtivo. Então proponho que sua esposa o leve ao cemitério onde está enterrada a mãe do paciente, e o faça tocar nos letreiros da lápide. Quando o paciente é submetido a esta experiência, chora muito e revive o luto, lembrando de várias situações relacionadas com a morte de sua progenitora. Não volta a confundir-se com sua mãe nas sessões seguintes, e nem a tratar do assunto como se a mesma estivesse viva.

Completa-se um ano de psicoterapia e o paciente tem alta bastante melhorado do ponto de vista destes sintomas, embora persistam alguns déficits de memória importantes, até pela localização da lesão, que não poupou o hipocampo bilateralmente, embora uma pequena parte tenha sido preservada.

Discussão

Do ponto de vista mais neurocientífico, estamos lidando com o conceito de memória declarativa e de memória implícita; e por outro lado com um conceito de Damásio(1994) de emoções “como se” (Solms).

E do ponto de vista psicanalítico, trabalhamos com o conceito de negação, transferência e memórias inconscientes.

Memória Declarativa e Memória Implícita (Squire e Kandell)

Desde H.M., famoso paciente estudado por Brenda Milner, sabe-se que a memória declarativa depende de várias áreas de funcionamento cortical, e, principalmente, temporal, devido ao hipocampo. Uma vez que este paciente tinha múltiplas lesões corticais, e temporais, era de se esperar uma resposta amnésica.

Porém, a memória implícita (Kandell), esta muito mais sutil e dependente de estruturas mais profundas, como a amígdala, estava intacta, o que possibilitou que através desta pudessem ser recuperadas algumas memórias que de outra forma não estavam conseguindo ser acessadas. Ou seja, através da EXPERIÊNCIA com intensidade emocional (amígdala) este paciente pôde lembrar o que de outra forma lhe era impossível: a morte da mãe e o nome de seu último emprego.

Emoções “Como-se”

Damásio parte da teoria de James-Lange sobre a emoção (as emoções são percepções do estado corrente do nosso próprio estado visceral) e acrescenta que o cérebro tem representações mnêmicas de estados viscerais prévios, tendo como resultado o que ele chama de emoções “como-se”. Ele conclui que o dano ao hemisfério cerebral direito resultará em uma hiper-confiança nas emoções “como-se”, baseadas no estado pré mórbido do corpo. Este mecanismo explicaria a anosognosia e anosodiaforia, e provavelmente causaria um empobrecimento emocional em geral. O que faz com que, em alguns redutos científicos se conclua que o hemisfério direito, além de dominante para emoções negativas seria dominante para todas as emoções (hemisfério emocional).

Negação

Descrita por Anna Freud, o mecanismo de defesa do ego chamado de *negação* é caracterizado por um “não querer saber” que defende o ego de saber algo doloroso. Consiste em um dos mais primitivos mecanismos de defesa, porém, podendo estar presente em qualquer tipo de estrutura, desde que não predominante. Neste paciente, poderíamos interpretar psicanaliticamente que a realidade seria tão dolorosa que ele *a nega*, por não poder aceita-la. Sabemos que devido ao fato de o paciente ter uma lesão orgânica bem definida, não poderíamos ser reducionistas a ponto de tentar explicar tudo por este fenômeno, mas talvez esta explicação *nos auxilie* a pensar no caso em questão.

Transferência

Exaustivamente descrito na psicanálise, a “transferência” que Freud descreve na segunda tópica de sua obra poderia nos servir de trampolim para o melhor entendimento do caso. Só para rememorarmos o conceito, transfere-se um sentimento de forma inconsciente das figuras parentais para o analista, como forma de não se resolver os conflitos, se repetem então na situação transferencial, cabendo ao analista interpretá-los de forma a considerar este fenômeno para haver a *elaboração*. Poderíamos entender que o paciente transferiu a sua raiva e inconformidade com o trágico ocorrido para a terapeuta. Muitas vezes isto foi interpretado durante as sessões, mas não parecia fazer sentido nenhum para o paciente, como de resto nenhuma das interpretações que seriam plenamente válidas dentro de um contexto psicoterápico. O que se inova neste caso, é a possibilidade de se utilizar o sentimento transferencial (neste caso, o da primeira tópica) para se elaborar algo que já havia sido elaborado outrora, mas que estava sob a égide da amnésia, resultado das lesões. Dada a transferência positiva (aliança terapêutica) que o paciente manifestava na sessão antes que fossem tocados seus conflitos, foi solicitada uma tarefa de casa para o paciente, que aceitou cumpri-la. A transferência negativa só aparecia quando se confrontava o paciente com a realidade, o que tornava impossível a continuidade das sessões, ou pelo menos se traduzia num clima excessivamente tenso. Então, tendo sido trabalhado em cima da transferência positiva, se garantiu uma tarefa extra-sessão que permitiu a elaboração da realidade.

Memórias Inconscientes

Neste conceito englobamos também a *repressão*, um dos principais e primeiros mecanismos de defesa descritos por Freud. Consistiria então em reprimir o conhecimento inconsciente sobre sua lesão para evitar o sofrimento advindo deste. Semelhante à negação, a repressão de memórias inconscientes é um dos principais mecanismos envolvidos nestes pacientes com síndromes anosagnósicas e formam um grande desafio à sua recuperação, pois, uma vez que não lembram de seu prejuízo, não encontram motivação para se dedicarem à sua própria recuperação.

Conclusões

A neurociência e a psicanálise podendo atuar conjuntamente em casos como este podem ter efeito sinérgico na recuperação destes pacientes. Senão, vejamos. Um paciente que fosse tratado com um entendimento exclusivamente neurológico, receberia apenas diretrizes para recuperação do ponto de vista motor e de funcionamento global, como fisioterapia, estímulo ambiental, etc. Um paciente que tivesse apenas em tratamento com entendimento psicanalítico (em tese) poderia estar sendo exaustivamente interpretado em sua repressão, negação, transferência, que de nada resultaria. Se juntarmos estes dois campos do conhecimento, resulta que o entendimento psicanalítico colabora para retirar o paciente da posição narcísica em que ele se coloca defensivamente, tentando motiva-lo para participar mais ativamente de sua recuperação. Sim, porque se deixarmos a cargo apenas de seus sentimentos, este paciente jamais se motivaria para sua reabilitação, uma vez que acredita em suas emoções “como-se”.

Ainda totalmente de forma experimental, o cruzamento destes dois campos de conhecimento tem sido utilizado por Solms e descrito como de alguma valia para o tratamento extremamente complexo deste tipo de paciente. O procedimento adotado neste caso foi ainda mais ousado, não só utilizando ambos campos de conhecimento, como também propondo tarefas baseadas nesta compreensão, visando ativar através da memória implícita, a declarativa, ou, psicanaliticamente, tornando consciente o inconsciente. Ou ainda, repetindo para elaborar o que não foi possível recordar.

Bibliografia

- Kaplan-Solms, K & Solms, M (2000) *Clinical Studies in Neuro-Psychoanalysis*. London, Karnac Books.
- Kandell, E (1998) *A new intellectual framework for psychiatry*. American Journal of Psychiatry, 155: 457-69.
- Squire, L & Kandell, E (2003) *Memória: da Mente às Moléculas*, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas
- Freud, S (1914) *Uma Introdução ao Narcisismo*, S.E.

Ficha Técnica

Editor

Sociedade Portuguesa de Grupanálise

www.grupanalise.pt

Lisboa, 2005

Design

PIMC, Lda

Patrocínios

